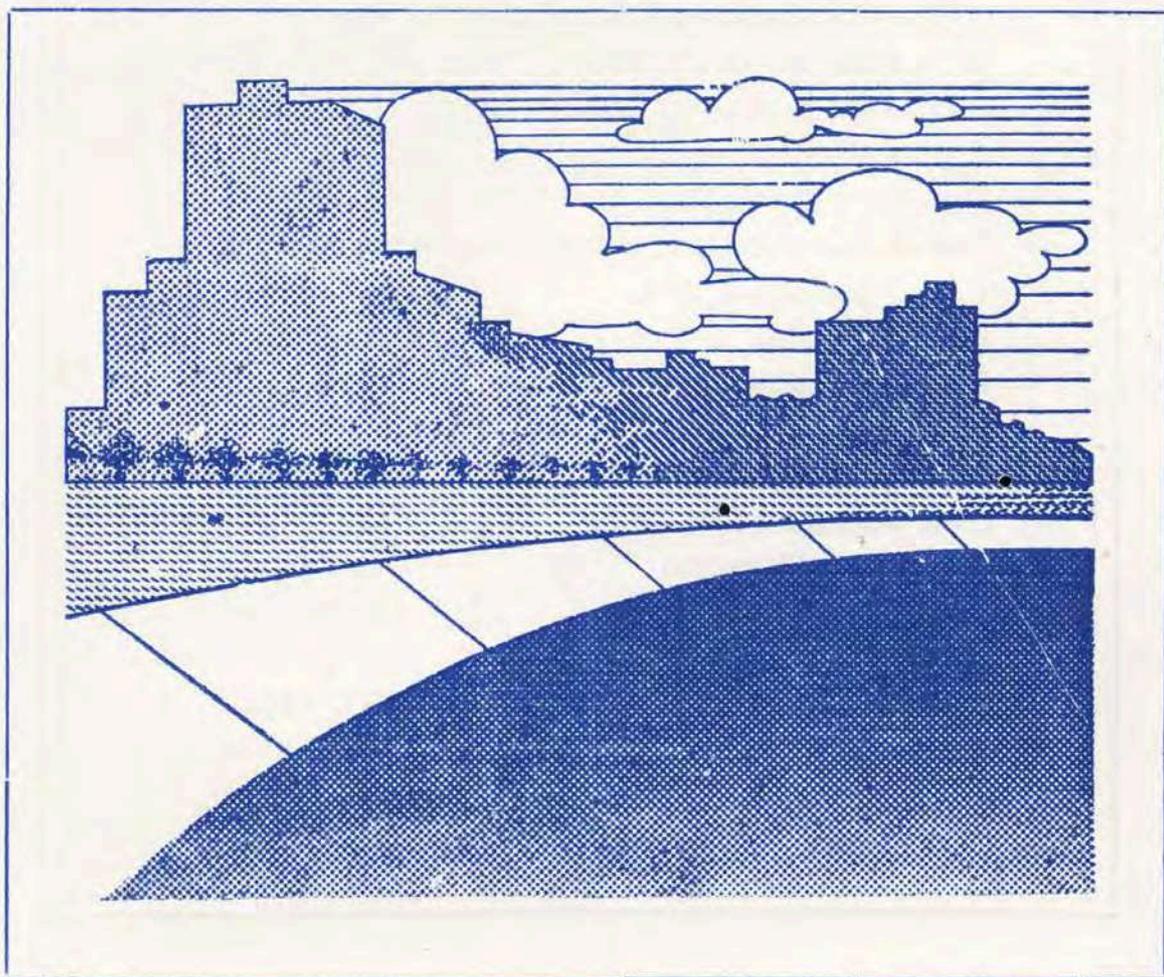


# Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Março de 1994

Nº. 3



## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.

• Maju Indústria Textil Ltda.

Casa Buerger Ltda.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

Genésio Deschamps

Padre Antonio Francisco Bohn

Curt Fiedler

# BLUMENAU

## EM CADERNOS

TOMO XXXV

Março de 1994

Nº. 3

### SUMÁRIO

Página

O prussiano que a mata abrazeirou (II) — Theobaldo Costa Jamundá .....	66
A mulher alemã no Brasil — Tradução Edith Sophia Eimer .....	67
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	73
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .....	75
Registros de Tombo de Porto Belo (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	77
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff .....	79
Aconteceu ... há 50 anos passados — José Gonçalves .....	81
Sobre o desenvolvimento de nossa cidade no começo do século — Edith S. Eimer	82
Figuras do passado .....	85
Aconteceu — Fevereiro de 1994 .....	88
Cartas .....	90
Curiosidades de uma época (XXXI) — S C. Wahle .....	91
Genealogia da Família Goedert — Pedro Ernesto da Silva .....	91

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) 7,94 URVs

Número avulso 1,00 URV

Assinatura para o exterior (porte via aérea) 11,00 URVs

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

# O PRUSSIANO QUE A MATA ABRASILEIROU (II)

(Dr. Odebrecht: integração, dedicação e 15 filhos)

Theobaldo Costa Jamundá

— De certo Emil entendeu a mensagem de todos os verdes da vegetação soberba. — Hoje poucos disseram ou melhor poucos escreveram sobre os imigrantes triunfantes nos vales da mata atlântica como aqueles que entenderam melhor a soberbia da mata. — Complexo verde formado de mil e uma vida. — Os que viram-no como oferecida amiga, as folhas nas ramagens como mãos estendidas, entenderam-na, também, celeiro de tantas serventias: a madeira para o abrigo e as construções necessárias; a proteína animal da paca, do veado, da cotia e outras caças; as raízes, resinas, folhas e cascas para a medicina; as aves para saudar o sol e fazer música durante o dia; as aves da noite para ilustração poemática nas histórias para crianças; o bailado das frondes ao compasso de cada tempo conforme o vento; a permissão, no livre arbitrio de cada um, para as mil e uma invenções.

— Entenderam-na os que triunfaram por que recitaram com ela todos os verdes da esperança. Eles leram nas variáveis diversas as potencialidades exibidas: CRIATURA DE BOA VONTADE E DE BRAÇOS VÁLIDOS, O TRABALHO FECUNDA E O PROGRESSO NASCE.

Entre os triunfantes Emil foi um deles, assumiu jornadas de dia inteiro; noite mal dormida no desconforto da barraca; consumo de semanas sem domingos; períodos repetidos sem férias e distante da família.

— Ele, Emil, como outros pioneiros da Colônia de Blumenau, foram peças da história, que ao tempo deles todos, ainda não estava escrita.

## 4. OS CRÉDITOS DO ENGENHEIRO EMIL ODEBRECHT

Titulado na Universidade de Greifswald, quinze filhos catarinenses, naturalizado brasileiro em 1859, voluntário para a Guerra contra Solano Lopez (1865), capatador de caranguejo (no rio Marombas) que o sábio dr. Fritz Müller estudou e batizou como nome "AEGLEA ODEBRECHTII".

A dedicação modelar ao progresso da Colônia de Blumenau, na qual iniciou a vida profissional nos quefazeres da locação de lotes coloniais, sem dúvida, fecundou a simpatia, que cresceu em todo período dos 53 anos de sua vida brasileira.

Se ali deu os primeiros passos no progresso catarinense, ali o encontraram para as comissões em atividades várias em Santa Catarina ou além das fronteiras catarinenses. — Com Teodoro Klein deu colaboração ao engenheiro Vieira Ferreira fundador do município de Urussanga; com Kreplin e mais Breitheupt, operacionou a exploração para o traçado da estrada: Blumenau-Lages-Curitiba. Todo investimento de energias, como de idéia e o sonho do alcance imaginado, já seria o suficiente para se falar bem e com gratidão sobre a memória do engenheiro Emil Odebrecht.

Entretanto fez mais: em 1906 com o engenheiro Leopoldo J. Weiss publicaram o Mapa Topográfico de Santa Catarina. — Este mapa, sem dúvida, foi uma contribuição importante para o conhecimento da área que depois veio ser chamada: Grande Chapecó. — Ele mostra a região quando era va-

zia. Registra a localização da Colônia Militar Chapecó e o risco da estrada muito conhecida dos tropeiros que iam e vinham de Passo Fundo (RS) para o Palmas (PR).

É possível entender que o próprio modulado topográfico impunha a direção dos caminhos. — Por aquele mapa, muita gente entendeu a significação dos rios na rota dos caminhos rudimentares: a estrada saía de Passo Fundo seguindo a direção do Rio do mesmo nome, cruzava o rio Uruguai pouco acima de Porto Chalará, e subia até Xanxerê pelas vertentes dos rios Ferreira e Irani; daí para frente alcança o Campo de Palmas por três acessos, sendo um deles seguinte de tributários dos rios Chapecozinho e Chapecó.

E seguindo as converções se vê que a linha telegráfica ligava Campos Novos com Palmas e Mangueirinha. — Se vê Campos Novos na direção do oeste catarinense como a comunidade para dentro do sertão despovoadíssimo.

Colhi de Edgar e de Rolf (o primeiro o décimo filho e o segundo um dos netos) informações que Emil Odebrecht trabalhava com dedicação integral, vivendo a alma do que operava. — E assim em lugares do Oeste catarinense realizava as tarefas profissionais e impregnava-se da paisagem circunstante.

— Edgar que aprendeu elementos

básicos de agrimensura e os aperfeiçoou ao ponto de se tornar profissional procurado, sentia com maior profundidade a conceituação profissional que o pai deixava como glória para todos os herdeiros do nome transmigrado.

Foram muitas as vezes que ouvi Edgar fazer referências gratas ao trabalho do seu pai. — Na verdade foram soltos pedaços de conversas informativas e também consolidadores de bem querer, hoje preservada saudade. Recordo de Edgar Odebrecht (15.06.1881-21.09.63) no amorável solar de Morro Pelado (Indaial/Apiuna) onde residi no final da 2a. Guerra Mundial. Naqueles aros quarenta desfrutava lucidez e boa forma, dizendo-me memórias como se projetasse filme. Era mais moço que Woldemar seu irmão meu sogro, também de conversa fácil e denotadora da vivência nos campos de Lages (SC) com os naturais da mata pinheiros e tudo mais da cultura e do ambiente. Muito cedo colhi em Edgar um bom amigo e dos seus sobrinhos sobre ele só ouvi palavras gostosas para ouvir e nunca esquecer. Levou a existência agrimensurando como Deus foi servido permitir. Tinha ele na pele de homem magro algo resultante de um verde de mata e campos queimados de sol. Uma criatura feliz pela memória dos pais (Bertha e Emil) e a confradia fraterna dos irmãos. (CONTINUA). ●

---

## A MULHER ALEMÃ NO BRASIL

De: Dr. Aldinger, Hammonia

Kalender — 1928

Tradução: Edith S. Eimer

Quem se negaria a elogiar a mulher alemã, se tratasse de meninas, moças noivas, como esposas, donas de casa, mãe, companheira, assistente do marido e até mesmo como viúva ou

profissional! O caráter alemão no Brasil só é descrito pela metade se falarmos somente dos homens. Nos primeiros três séculos (1500-1800) só se relatou a história de homens. Eles

chegaram ao país solteiros e assim continuaram. Entre estes citam-se Hans Staden, o conde Mauricio de Marsan, General J. H. Böhm, capitão geral J. K. August von Oeynhansen ou mulheres de origem lusitana que se tornaram esposas de nomes como: o General Pedro Daniel Müller, engenheiro Wilhelm von Varnhagen cujo filho Franz Adolf tornou-se o maior historiador do Brasil. Teria sido de muita valia se também mulheres alemãs da nobreza tivessem tido a coragem de uma Leopoldina da Austria e imigrado ao Brasil, e já naqueles tempos passados tivessem formado lares alemães.

Quem foi a primeira mulher alemã no Brasil?

Logo se pensa no nome da Imperatriz Leopoldina. Historicamente ela foi a primeira mulher alemã importante nesta terra do sol. Mas não foi a primeira, basta um olhar para a minha obra: "Contribuição alemã no Brasil" e perceberá que não há uma resposta concreta. A informação mais próxima que chegamos foi a solução dada por Theodor Reinicken que publicou no número festivo do "Deutsche Zeitung" de 31 de Dezembro de 1910, onde está incluído no livro do Centenário um cartaz alemão riograndense. No entanto, esperamos que não esteja deturpada como os registros sobre os Mecklenburger. Ali se lê: O primeiro imigrante alemão livre é o conhecido Mikolans Becker. Ele veio de Mettwich. Passando por Hamburgo, chegou aqui no ano 1797. Na sua passagem no Rio, casou-se com Angela Cramer. Tinha na ocasião 31 anos e ao morrer deixou 10 filhos, 41 netos, 136 bisnetos e 14 tatarentos. Esta primeira mulher alemã Angela Gramerbecker seria portanto a primeira mulher imigrante.

Ao seu lado podemos citar a senhora do Pastor Somerbronn de Nova Friburgo, cuja última filha faleceu há

poucos anos em idade avançada. A imigração para Nova Friburgo aconteceu em 1823, portanto antes de São Leopoldo. Da história dos imigrantes de 1824-30 destaca-se a figura da senhora Bohnenberger outra vez tronco familiar no Bohmental e sob a sua liderança as mulheres da "St. Michelschiff" que castigaram o infiel e meztiroso Capitão com panos molhados.

Além de irem para Nova Friburgo, Leopoldina (na Bahia) e S. Leopoldo, talvez vieram mulheres alemãs com os fundidores e entendidos em tecelagem que chegaram ao país em 1820. Mulheres alemãs de comerciantes no Rio não se destacam nesta época, nem tão pouco as esposas dos cônsules da Prússia e da Austria.

Quem representou um papel de destaque na corte do primeiro Imperador foi Felisberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena, um membro da linha indireta dos príncipes de Brabant e casado com Augusta Isabel Kirchhofer, de Hamburgo. Se esta mulher teve algum destaque não podemos comprovar.

A mais forte imigração de famílias, não só de solteiros, jovens soldados, comerciantes, técnicos, médicos, etc., aumentou o número da presença da mulher alemã. A sua coragem de seguir para a Colônia, formou o sustentáculo do caráter alemão no Brasil. Estas mulheres tão diferentes entre si, se parecem se as olharmos como um campo fértil e florido. Como aquele que foi erguido para o "monumento ao soldado desconhecido". Dever-se-ia também erguer um monumento à "mulher do colono". Ela e todas suas irmãs foram de grande valia e nem um nome se destaca em particular.

Isto nos mostra o livro do Centenário do Rio Grande do Sul. Ao lado das fotos de muitos homens encontram os nomes de quatro mulhe-

res. O primeiro é o da Imperatriz Leopoldina que nós homenageamos nas últimas edições do Kalender. Depois vem a sua sucessora Dona Amália de Lenchtenberg (segunda) esposa de D. Pedro I. Ela era uma filha do antigo Vice-rei da Itália, Eugen Beenharnais, enteado de Napoleão I, que em 1806 casou com a filha do rei Max I da Baviera. No retrato de Amália se nota sua descendência francesa, mas ela nasceu em Munique e ali foi educada. Seus pais após a queda de Napoleão viveram na Baviera. O rei Max, elevou seu genro à príncipe de Lenchtenberg. Amália passou um ano e meio no Brasil. Com a renúncia do seu marido o acompanhou para o exílio, em Portugal. Desta forma seus enteados ficavam sem influência alemã. Amália trouxe consigo seu médico, um confessor e seu irmão August. Através das suas três irmãs, a corte brasileira entrou em contato mais direto com a Suécia, Homburg, Hechnigen e Württemberg. É de lamentar que o sentido alemão no reinado de D. Pedro I terminasse tão abruptamente e as novas relações de dinastia se rompessem tão repentinamente. A ex-Imperatriz Amália, faleceu em 1873 em Lisboa. As filhas de Leopoldina casaram com as famílias Bourbon e Orleans de origem francesa. D. Pedro II através do seu casamento com Dona Thereza Cristina, filha do rei de Nápoles ligou-se à Casa dos Bourbon.

Fora dos círculos da corte entramos num campo bem diferente. O quarto retrato mostra o da honorável mãe Anna, uma freira franciscana que em 1872 fundou em S. Leopoldo um educandário onde se desenvolveu o majestoso Colégio de Freiras. A ordem das franciscanas contava em 1924, no Rio Grande com 420 membros, das quais quase todas eram de origem alemã e mais da metade nasceram neste país. Ao lado das mes-

mas ainda atuavam as Irmãs Catharinas e as Irmãs Coração de Maria. Esta é uma pequena parte do que é feito no Brasil pelas freiras católicas.

O retrato de uma freira evangélica ou esposa de Pastor, não se encontra. A idéia a respeito da assistência feminina, o Pastor Cremer, de Potsdam divulgou em 1910 na Colônia. Em 1924 foram fundados no Rio Grande do Sul cerca de 30 associações de senhoras e todas estão em atividade. Como primeiras irmãs riograndenses, são citadas especialmente Lydia Pechmann, de Hamburgo e Ella Hartz de Santa Cruz. Também em outros estados como formaram-se associações de senhoras: em Blumenau, Joinville, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. De São Paulo citamos aqui ainda a irmã Sophie Zinck, que por muitos anos foi diretora do Hospital evangélico, em Blumenau. A primeira irmã da Hansa (Harmônia) foi Olga Stranch.

No livro do Centenário não aparece um nome ou fotografia de algum Pastor Evangélico.

Como grande auxiliar para o seu marido na escola ela é citada como a esposa do Pastor Pechmann que já havia trabalhado como professora no Oriente e dirigira instituições do Kaiserwerther.

Das professoras evangélicas alemãs citam-se as irmãs Engel, em Hamburgo, cuja escola depois se transformou em pensão e instituto de ensino. Além disto na sociedade de professores evangélicos citam-se: Hedwig Stüwen e Margareth Herkenrath. O quadro completo da família de professores Jäger também mostra duas mulheres. Entre as citadas no setor de "atividades comunitárias" vemos registrados o nome da senhora Becker, de S. Maria como primeira ginasta de senhoras da sociedade Jahn. Talvez merecesse ainda menção a senhora do

diretor Faulhaber, de Neu Württemberg. Um pouco maior é a exploração na música e poesia. Em primeiro lugar está o nome da cantora Hänsel-Brügelmann, como artista Hedy Iracema. Não menos promissoras são: a pianista Ilse Wöbke e a violinista Dora Asmus. Os que estão distante destas apresentações não podem imaginar que conforto trazem. Melhor representadas são as poesias, que o livro apresenta em grande série. Ali encontramos Erika Harbst, em Verlassen (abandonado) e Verloren (perdido). Elisa Protzen apresenta em linhas simples e românticas sobre o lar na floresta às margens do rio Itajaí. A senhora Josefine Wiersch, que na terra dos Yankes chegou a reconhecer o valor dos contos da velha pátria, suas cantigas conta com emoção como o transmitiu aos seus filhos.

Diferente seria não fossem as idílicas ou românticas patrióticas lembranças feitas em prosa, por infelizes mulheres, cujos maridos foram cruelmente assassinados diante dos seus olhos na guerra dos Farrapos, como o sabemos através da senhora Knie-riem, senhora Kerhes e outras. Nós preferíamos ouvir destas mulheres, que tivessem tirado a faca destes miseráveis assassinos e tivessem cravado a mesma no corpo deles, em vez de assustadas se submeteram aos desejos deles, lavando-lhes a roupa suja, mesmo que isto lhe custasse suas vidas.

A valentia lança uma chama sobre a história de uma das mais estranhas mulheres alemãs no Rio Grande, o da Jakobina Maurer, nata Mentz, a profetisa de Ferrabraz, quatro horas diante de S. Leopoldo que nos anos 1873-74, provocou o famoso levante dos muckers. A sua história foi fielmente relatada no livro do padre Ambrosius Schupp e nele se lê um verdadeiro romance. É a história de uma detur-

pação moral e religiosa onde se encontra um pequeno número de pessoas que renuncia a tudo que é mundano, suas posses e propriedades para dar sua vida à crença. O caráter imigratório na América tem em sua maioria um aspecto bastante simples e só dirigido ao caráter de posse. Eu confiro a Jakobina o nome de profetisa, já que inúmeras colonas cujo sertido de posse material, pastores e professores tanto reclamaram. Ela conseguiu tirar este sentimento materialista de sua vida diária e entusiasmar-se por uma idéia, mesmo que esta fosse louca. Os vizinhos mais próximos atingidos pelo movimento dos Muckers, só viam prejuízo risto. Mas um homem como Karl von Koseritz foi de pouca visão ao ver toda esta manifestação religiosa como exagerada e fazer pouco caso da mesma. Deveria ele ter reconhecido que o caráter alemão que tanto defendia, só podia ser feito por pessoas de uma época crítica para as quais a agricultura representava tudo.

Não tenho mais tempo para entender-me e consultar outros Kalender e publicações sobre este tema, sugiro consultar jornais e ver publicações de falecimentos. Quem sabe uma leitora faça isto. Para o Rio Grande ainda quero constatar que o mais significativo necrológio deve ser dado à senhora Dra. Maria Rotermund nata Brabardt.

Queremos nos dirigir à outros estados, usando o mesmo método de pesquisa. O estado de Santa Catarina ainda não tem seu livro de Centenário, nem uma história abrangente do caráter alemão.

Na obra de J. Deeke sobre o município Blumenau vemos inúmeros homens, mas não se fala de nenhuma mulher alemã. Nós constatamos que Apolonia vor Büttner tornou-se professora estadual em 1867. Nós nos divertimos com as histórias da "Trina

selvagem" e lemos a história sensacional: "A noiva morta" que se afogou, mas levantou muita poeira. (O autor se refere ao caso de Louise Eberwein — Veja "Blumenau em Cader-nos" — Tomo XXX, pág.<sup>o</sup> 335).

Na excelente crônica de S. Bento que devemos a W. Ammon, autor de "Hansel Glückspitz", quase nada se sabe sobre mulheres. Elly Herkenhoff, professora na escola alemã de Joinville, traduziu uma crônica para o português de maneira genial.

O número festivo do Kolonie Zeitung de Joinville em seu número festivo para os 75 anos de fundação, não se refere à respeito da mulher. Mas no número festivo de seus 50 anos de fundação de 20 de dezembro de 1912, incluiu o nome da senhora viúva Alvine Böhm, ao escrever:

"Infelizmente à nenhum fundador do "Kolonie Zeitung" foi dado assistir esta data festiva. Há anos descansam sob a relva verde. Como gostaríamos de vê-los em nossa volta, para ouvir dos seus lábios a censura do que estamos fazendo. Um sentimento triste que hoje nos invade, é abrandado pela alegria, que é a da mais fiel e incansável colaboradora, que uma empresa já teve, que ainda está entre nós: "A mãe do atual proprietário e redator do jornal. Com a mesma dedicação, sacrifício e amor, que há 50 anos passados serviu ao seu marido sertando-se a frente da caixa tipográfica ajudando-o na expedição. Hoje, continua ao lado de seu filho e praticamente nenhum número saiu sem que passasse por suas mãos. A expedição é o seu campo. Ela reina e não quer saber de "aposentadoria". Grande parte do artigo é hoje dedicado a ela e também não poderia faltar na galeria de fotos, a sua ao lado dos funda-

dores. O retrato espelha os traços de uma personalidade de grande espírito e comercialidade.

Agora vejamos o número festivo dos 75 anos da fundação de Blumenau. No "Urwaldsbote" encontramos destaques nos nomes, textos e retratos. Vemos a esposa do Dr. Blumenau num retrato com seu marido. Como podíamos imaginar numa colonização como aconteceu em Blumenau também a esposa do diretor teve sua participação numa atividade e círculo de obrigações que destacou o seu nome e no entanto, não entrou para a história. Procuramos e nada encontramos. A maternidade recentemente construída lembra o nome de "Tante Hanna" o Johannastift. A principal autora do mesmo, era conhecida em Blumenau por seus atos de beneficência. A casa está sob a administração da sociedade evangélica. O auxílio para a obra da igreja veio através da ajuda feminina e esclarece um ditado: "Da vida comunitária eclesiástica evangélica", (Christenbote, julho 1926). Há anos brilha a escola dominical que está sob a direção da senhorita Pöthig. A ela devemos que a cada domingo a presença de 50 crianças que se reúnem na igreja. Por iniciativa própria há alguns meses a irmã Wilhelmina abriu no Garcia uma escola dominical que é muito frequentada. Em consequência do seu incansável pedido, o número de auxiliares da escola dominical cresceu. E seu trabalho cresceu para mais 5 escolas. Nas escolas dominicais para alegrar as crianças organizava-se uma festa infantil e através de doações, oferecia-se um café e bolo a todos que comparecessem. Por iniciativa das irmãs do hospital fazia-se uma hora bíblica para as irmãs e auxiliares no estrangeiro. A sociedade de Jovens dirigida

pela irmã Berta tem em seu programa mensal orientações religiosas. Um novo coro veio enriquecer o coral da igreja. A sociedade feminina sob a direção da senhora Koehler começou uma arrecadação para fazer a melhoria da igreja e até agora conseguiu 15:000\$000.

Também em Sta. Catarina encontramos mulheres com veia poética. Na geração anterior era conhecida por seus poemas: Ida Knoll, que transmitiu este dom a seu filho Georg, um dos mais famosos poetas e escritores teuto-brasileiros. Ida Knoll com um olhar constatou o problema da rova e antiga pátria e procurou a solução numa grande amizade.

O que o casal Dr. Blumenau não conseguiu entender do problema de Blumenau, no lado espiritual o fez pelo comercial, mas isto o conseguiu o casal Stutzer. Ele é o autor do livro "In Deutschland, und Brasilien", ela escreveu "Vida alemã a margem da floresta" (novelas). Seu marido dedicou-lhe uma edição especial, intitulada: "Meine Thereza". Por isto a nosso ver, ela é a primeira e única mulher no Brasil sobre a qual existe uma biografia em livro. As apresentações sobre a vida da Imperatriz Leopoldina não podem ser consideradas como uma única obra, pois foi publicada em panfletos (Páginas da história).

Mais recentemente a senhora diretora da Colônia Hammonia, Emma Rieschbieter Deeke e a senhora Gertrud Gross Hering, dedicaram seus escritos aos colonos e a vida dos imigrantes, em cidades, sob a forma de

novelas e contos.

Nós deixamos Sta. Catarina e lamentamos que os alemães do Paraná e São Paulo ainda não tenham nada a apresentar de concreto na sua literatura. Do Rio de Janeiro temos o livro "Deutsche und deutschhandel" no Rio. O caráter alemão em Espírito Santo já foi por diversas vezes abordado, no livro do Dr. Wagemann. O que ele diz em seu último capítulo tem relação com a mulher alemã em geral: "O quadro do colono alemão está à nossa frente como um marco de força, perseverança e confiança". No decorrer de gerações nada o abalou, nem mesmo a floresta. O colono conserva além de pequenas fraquezas o seu caráter alemão.

Pormenores sobre a mulher no Paraná, até o Norte deixamos a cargo de outro autor. Ele que consulte o artigo do professor P. Wellmarn no artigo "Donas de casa na floresta". Concluo meu artigo com a lembrança à Maria Kahle que durante a guerra permaneceu entre nós.

Além do mais sejam citadas mais duas mulheres alemãs que visitaram o Brasil. Uma é princesa Theresa, filha do regente Luitpold que em 1838 visitou a região amazônica e fez pesquisas por 4 1/2 meses na região do Espírito Santo. Enquanto que a outra digna representante da cultura alemã no Brasil é parente dos reis da Bélgica que visitou o Brasil em 1922. Desta não se pode dizer o mesmo. Num discurso feito pelo senador Azevedo, ela não se manifestou contra as palavras ofensivas, quando se tratou os alemães de hunos, bárbaros e Boches.

## FICÇÃO CATARINENSE

Embora nascido em Paris (1948) e radicado em São Paulo, Daniel Fresnot produziu um livro que se insere nas letras catarinenses. Refiro-me ao romance de ficção científica «A Terceira Expedição», publicado pelo Círculo do Livro (S. Paulo — 1987), no qual o autor vislumbra o que restaria do mundo após uma guerra nuclear. O palco principal da ação é a pequena cidade balneária de Barra Velha, depois rebatizada de Barra Nova, aqui mesmo em nosso Litoral Norte, poupada da hecatombe pela vontade divina e pelo fato de possuir um morro para refúgio, tornando-se a capital da recolonização. Idêntica sorte não tiveram Piçarras, muito plana, que foi varrida pelo mar revoltado, e as cidades industrializadas, como Joinville, Jaraguá, Curitiba, São Paulo e outras, que pareciam atrair os foguetes da destruição.

Decorrido o ano negro, em que imperaram a escuridão e o medo, conseguiram os sobreviventes de Santa Catarina, não atingidos, se organizar sob o comando do industrial Dino Fontana, instaurando uma vida rudimentar com aquilo que lhes restara. Iniciam a abertura de picadas até Massaranduba e Guaramirim, com o objetivo de chegar em São Paulo, recolhendo tudo o que pudesse ser útil, e procurando contato ao mesmo tempo com outros núcleos de sobreviventes, como os de Itajaí, a parte ilhoa de Florianópolis e outros. Nas expedições que realizaram, além de mil tropeços, depararam com o terrível espetáculo dos sobreviventes atingidos (muitos deles recolhidos a Barra Velha), das cidades fantasmas, desertas de pessoas mas tomadas por ratos disformes e baratas incontáveis, sem falar no permanente perigo da radiatividade a rondá-los como inimigo letal e silencioso. Mesmo em circunstâncias tão precárias surgem os conflitos entre as pessoas e as disputas pela liderança, como a indicar que o desentendimento parece inerente à sociedade humana, pequena ou grande.

Três expedições a São Paulo são organizadas, cada uma mais completa para as condições existentes. As duas primeiras não conseguem chegar ao destino e são forçadas ao retorno, mas a terceira, superando os obstáculos, chega ao coração da Paulicéia, estacionando os comboios na própria Praça da República. Ainda que a metrópole estivesse convertida em nauseabundo montão de escombros, deserta e lúgubre, a chegada ao seu centro guarda um significado de reconquista e afirmação para aqueles seres perplexos diante do desaparecimento repentino de seu mundo. Mas é ali, naquela Praça, que ocorre o mais grave — **homo hominí lupus** — e os obriga a mais um retorno a Barra Velha, um dos poucos oásis onde a vida pode continuar. É para lá que se dirigem os que sobram, estropiados e famintos, para se juntarem aos demais e tudo recomeçarem.

O livro de Daniel Fresnot é escrito em linguagem viva e corrente, sem carregar nas tintas, e prende do início ao fim. Seu relato procura soluções lógicas naquele clima ficcional, baseadas em informações científicas divulgadas, — como requer a boa ficção científica — e que ele estudou muito bem, assim como a geografia e mais coisas de nosso Litoral Norte e dos Estados vizinhos. Seu livro é uma leitura envolvente e algo diferente em nossa ficção.

## OUTRAS NOTAS

Bem feito e pesquisado o ensaio «A Revolução Federalista de 1893 em Itajaí», de autoria do Prof. Edison D'Ávila, publicado no ano passado. Ele examina nesse trabalho as peripécias da implantação do regime republicano naquela cidade, as incompatibilidades e os rompimentos, a chegada dos federalistas ao poder local, a adesão à revolução, a derrocada da situação federalista local e o acerto de contas que se seguiu. O livro retrata figuras que participaram dos eventos, fossem locais ou de fora, e está bem documentado, inclusive com diversas fotos históricas. O estilo do autor é límpido e revela o didatismo próprio do professor tarimbado. É uma boa contribuição e de leitura agradável. \*\*\* Mais uma vez a revista «Notícia Bibliográfica e Histórica», publicada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, dirigida pelo Prof. Odilon Nogueira de Matos, abre suas páginas para tratar de assuntos relativos a nosso Estado e a Blumenau. O número 146 dessa publicação, recentemente distribuído, transcreve o trabalho denominado «Resumo de informações úteis para imigrantes ao sul do Brasil, referindo-se particularmente às Colônias de Dona Francisca e Blumenau», de autoria desconhecida e que foi publicado em sueco, em Estocolmo, no ano de 1854, num pequeno folheto. Seu objetivo era fazer propaganda da região, atraindo colonos, e foi traduzido para o português por Sven Oly Henning Hylmstre, tradutor público. É publicado na revista em primeira mão e foi oferecido à mesma por Paulo F. Geyer, adquirido por ele num antiquário de Hamburgo. É um documento curioso, agora à disposição dos interessados. \*\*\* «Vagar Poético» é uma coletânea de poemas de Dinivaldo Gilioli, Flávio Luiz Volente, João Carlos Nogueira, João Paulo de Souza, Luiz Cézare Vieira, Nilo Kaway Jr., Regina Carvalho e Rui Ricard, todos ligados ao movimento sindical. O livro visa discutir e ampliar a atuação cultural no meio sindical. São poucos os poemas engajados, a maioria pende para o eterno amor e os enigmas da existência. \*\*\* O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina está informando os interessados de sua programação para o corrente ano, que inclui comemoração do centenário de Ildefonso Juvenal e de Dom Jaime de Barros Câmara, semana comemorativa do aniversário do Instituto e outros eventos que comentaremos aqui ao longo deste ano. \*\*\* Mais um número de «Ô Catarina!» está circulando, agora com 16 páginas repletas de matérias de interesse geral.

Encerro com um poema de Ymah Thérés, líder do grupo que publica «Alegoria», já circulando em seu quinto número, e que revela bem a sua sensibilidade.

Vosso o ventre, vossa a mesa,  
vossa a escolha e o meu amor.  
Vossos todos os perfumes  
que vos del — bandeja em flor.  
Vosso o riso e vossa a hora  
de meu gosto e meu penhor.  
Vossas, neves que já tive,  
vossos, beljos, meu senhor.

Que andarilhos sonhos gastos  
vos visitam, de onde vou:  
minha busca, meu silêncio,  
meu olhar de solidão,  
minha sede de água pura,  
minha mão em vossa mão.

---

## REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

---

**Atilio Zonta,**

- Visita do Superior Geral da Congregação Salesiana ao Brasil;
- Desmembramento da Inspeção Salesiana Nossa Senhora Auxiliadora e,
- Bairros do Ribeirão São Paulo, Saxônia, Val Nova e Nossa Senhora de Lurdes (ex-Tamanduá).

O Colégio Salesiano "São Paulo", que sempre brilhou como estrela de primeira grandeza na constelação dos Colégios Salesianos do Brasil, e as prestativas Diretoras das Associações Religiosas da Paróquia de Santo Am-

brósio de Ascurra, durante várias semanas, intensificaram os preparativos para a grandiosa festa da primeira visita do 5º. sucessor do fundador da Congregação Salesiana, visita essa considerada por todos nós histórica, mormen-

te, pelos filhos de Dom Bosco instalados neste distrito. O Superior Geral dos Salesianos, Padre Renato Ziggiotti, procedente da Casa-Mãe de Turim, Itália, pela primeira vez, vem inspecionar as filiais salesianas dispersas por este Brasil em fora. Sacerdotes, seminaristas, cooperadores, ex-alunos, associações religiosas e o povo ascurrense, estavam ansiosos por demonstrar ao sucessor de Dom Bosco, seu apreço e afetuosos amor filial. A fama de piedade e de abnegação de Dom Ziggiotti ecoou até aqui bem como a santidade que lhe nimba a frente. O povo de Ascurra, com grande júbilo, recebeu-o de braços abertos com cantos e música. No dia 18 de setembro de 1957, às 9:00h na sede do município de Indaial, o ilustre e extremado visitante fora recepcionado pelas autoridades municipais, seguindo depois, para Ascurra via Timbó e Rodeio, para alcançar o pátio central do Colégio às 10:30h. Na oportunidade o saudara, em brilhante alocução, o escritor e jornalista e Secretário Geral da Prefeitura de Indaial, Theobaldo Costa Jamundá e em nome da comunidade de Ascurra, pelo Vereador Arlindo Ferrari. Grande concentração de povo e das crianças ovacionaram-no com vivas e cantos, todos impulsionados pelo mesmo desejo de mostrar-lhe a sua gratidão e oferecer-lhe o melhor do seu carinho. A banda musical do Ginásio São Paulo fez ouvir seus acordes triunfais. À noite, realizou-se solene sessão acadêmica das companhias da juventude salesiana e no dia 19, na Igreja Matriz, missa festiva foi por ele celebrada, com grande afluência de povo, quando

também, à tarde, benzeu a Casa Mamãe Margarida, o novo estabelecimento de lavanderia, propriedade do Colégio. Às 19:30 h no Salão Domingos Sávio, realizou-se solene reunião dos Cooperadores e ex-alunos, sob a presidência do ilustre visitante, sendo na oportunidade, saudado em nome dessas associações, pelo ex-aluno e Vereador Atílio Zonta. Nesse encontro, solenemente, benzeu a bandeira oficial da União dos Ex-Alunos de Dom Bosco. No dia 20, às 6:30 h celebrou na capela do aspirantado, em cujas cerimônias, fizeram-se presentes sacerdotes e seminaristas. Logo após a missa, partiu para Rio dos Cedros (então Arrozeiras), despedindo-se de todos, deixando lembranças que o tempo jamais apagará. Na visita que fizera à Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em São Paulo, com Casas dispersas nos territórios: paulista, paranaense, catariense e riograndense, procedeu, o superior-mor, ao desmembramento da sede de São Paulo, das casas instaladas nos três últimos Estados, constituindo a nova Inspetoria São Pio X, com matriz, inicialmente, em Rio do Sul SC e, posteriormente, transferida para Porto Alegre capital do Rio Grande do Sul.

O padre Alfredo Bortolini, então Pároco da Paróquia Santo Ambrósio e Diretor do Colégio São Paulo, deixou os referidos cargos para se tornar o primeiro Inspetor Salesiano da recém-criada Inspetoria.

Os bairros de Ribeirão São Paulo, Saxônia, Val Nova e N. S. de Lurdes, cuja economia se estriba exclusivamente na agricultura, empolgam-nos com a sua beleza,

constituída de planícies e montes que se estendem até a Serra do Mar. Panorama maravilhoso, zona riquíssima e tomada por arrozais irrigados, cujo humo lhes é trazido pelas cascatas. De extraordinária fertilidade e onde fervilha uma população ordeira e trabalhadora, em cujas fronte vê-se brilhar o futuro certo dessa terra, o extremado município de Acurra. Descendentes de pioneiros vinculados às raízes italianas que impulsionam o progresso e onde, principalmente, reina a paz e a harmonia entre seus membros, que continuam honrando as tradições gloriosas de seus ancestrais. Esses belissi-

mos bairros, começaram a ser colonizados há quase 120 anos, cujos ocupantes fizeram as primeiras clareiras e estas, aos poucos, foram abrindo espaços e, nos quais, lentamente, a carriola e a braços, num esforço intenso, conseguiram nivelar as primeiras arvores, com suas divisórias de barro. Tiveram de enfrentar e vencer as dificuldades próprias de todo o pioneirismo, para o que se requer fortaleza e bravura. Não vamos citar o nome dos primeiros pioneiros imigrantes em razão do elevado número, ultrapassando cem pessoas, afora esposas e filhos.

Na próxima edição desta Revista "Blumenau em Cadernos", apresentaremos:

- Bairros do Ilse, Estação e Ribeirão Santa Bárbara.
- As primeiras Irmãs Catequistas Franciscanas no Bairro de Ribeirão São Paulo.

---

## REGISTROS DE TOMBO DE PORTO BELO (III)

Pe. Antônio Francisco Bohn

### Ano de 1922:

n.º 1: Tomada de posse do cônego Francisco Gieberts e Pe. José Locks como responsáveis pelas paróquias de Itajaí, Porto Belo e Camboriú, em 13.08.

### Anos de 1923-1924:

n.º 1: Nomeação do Pe. José Locks para Laguna. Santas Missões na Paróquia de Porto Belo (sem data).

### Ano de 1927:

n.º 1: Pela ausência de padres, a Paróquia de Porto Belo foi atendida pelos padres de Tijucas: Pe. Evaristo Ruggiaro e Pe. João Músch.

n.º 2: Visita Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira (sem data).

### Ano de 1928:

n.º 1: Transferência da festa de N. S. dos Passos para 01.04.

n.º 2: A Paróquia de Porto Belo é novamente anexa à de Itajaí, em 15.08.

### Ano de 1932:

n.º 1: Nomeação do Pe. José Locks como vigário de Camboriú e encarregado da Paróquia de Porto Belo, em 17.08.

nº. 2: Relatório Paroquial de 1932.

**Ano de 1933:**

nº. 1: Relatórios do Movimento Religioso do ano de 1933.

**Ano de 1934:**

nº. 1: Visitas à sede e às capelas de Porto Belo durante o ano de 1934.

nº. 2: Informações a respeito de fatos ocorridos em Porto Belo.

**Anos de 1935-1941:**

nº. 1: Relatório Paroquial de 1935.

nº. 2: Relatório Paroquial de 1936. Fatos relacionados com a vida religiosa da Paróquia.

nº. 3: Relatório Paroquial de 1937.

nº. 4: Relatório Paroquial de 1938.

nº. 5: Visitas às capelas em 1938.

nº. 6: Relatório Paroquial de 1939.

nº. 7: Relatório Paroquial de 1940.

**Ano de 1942:**

nº. 1: Provimto da Visita Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, arcebispo Metropolitano de Florianópolis, de 20 a 22 de outubro

**Anos de 1943-1944:**

nº. 1: Provisões em favor do vigário, das capelas e dos fabriqueiros.

nº. 2: São descritas rápidas informações a respeito do atendimento religioso.

**Ano de 1953:**

nº. 1: Nomeação e tomada de posse do Pe. André Anesa como novo vigário, em dezembro.

**Ano de 1954:**

nº. 1: Registros curtos sobre a criação da Cruzada Eucarística e Liga Católica, Fundação da Pia União em Zimbros, Canto Grande, Araçá e Trombudo.

**Ano de 1955:**

nº. 1: Decreto de anexação da Paróquia de Porto Belo à Paróquia de Tijucas, em 21.12.

nº. 2: Provisão de nomeação de vigário em favor do Pe. Augusto Zucco, em 03.01.

nº. 3: Provisão de faculdades para

a matriz e capelas, em 18.02.

nº. 4: Tomada de posse do novo vigário, em 20.01.

nº. 5: Descrição do estado da Paróquia, matriz e capelas (sem data).

nº. 6: Santas Missões pregadas pelos padres passionistas (sem data).

nº. 7: Campanha Missionária em favor das Vocações Sacerdotais (sem data).

nº. 8: Relatório Paroquial de 1955: Batizados (236) Confissões (4.435), Comunhões (5.713), Primeiras Comunhões (144) e Visitas, em 31.12.

**Ano de 1956:**

nº. 1: Início das reformas da Igreja Matriz (sem data).

nº. 2: Festa do Senhor dos Passos, com numerosa participação (sem data).

nº. 3: O cemitério paroquial teve uma parte do seu terreno reservado para o sepultamento de pessoas heréticas, suicidas e excomungados, em janeiro.

nº. 4: Visitas Paroquiais às capelas durante o ano.

nº. 5: Relatório de 1956: Batizados (262), Casamentos (43), Confissões (4.553) e Comunhões (4.654), em 31.12.

**Ano de 1957:**

nº. 1: Obras da matriz em reformas.

nº. 2: Legalização dos documentos de terras pertencentes à Mitra Metropolitana.

nº. 3: Movimento religioso do ano: Confissões (4.785), Comunhões (6.921), Casamentos (23), batizados (248).

**Ano de 1958:**

nº. 1: Provisões da Cúria: de vigário e de coadjutor. Faculdades para os vários atos de culto e as faculdades para o Conselho de Fábrica em favor da matriz e das capelas da Paróquia, em 20.02.

nº. 2: Inauguração do altar e da sacristia na festa do Senhor dos Passos, em 23.03.

**Ano de 1959:**

nº. 1: Inauguração da Igreja reformada na festa de São Sebastião, em 25.01.

**Ano de 1962:**

nº. 1: Inauguração do novo sino de bronze na festa do Senhor dos Passos, em 08.04.

**Ano de 1964:**

nº. 1: Bênção de S. Ex.cia Rev.ma Dom Joaquim Domingues de Oliveira sobre a pedra fundamental da nova capela de Meia Praia, em 16.02.

nº. 2: Festa do início de construção da capela de Santa Luzia, em 23.02.

**Ano de 1965:**

nº. 1: Inauguração da Torre da Matriz, em 04.04.

n. 2: Relatório das capelas de Araçá, Zimbros, Itapema e Bombas.

nº. 3: Movimento Religioso da Paróquia no ano de 1965.

Nota: Por motivo de a Paróquia de Tijucas, à qual está anexa a de Porto Belo, fazer a escrituração dos acontecimentos mais importantes no seu Livro de Tombo, abandonou-se um pouco o de Porto Belo.

**Ano de 1968:**

nº. 1: Lançamento da pedra fundamental da capela Santo Antônio de Itapema, em 16.06.

nº. 2: Tomada de posse do Pe. Norberto Debertoli, em 14.08.

**Ano de 1969:**

nº. 1: Início da construção da nova capela de Araçá (sem data).

**Ano de 1970:**

nº. 1: Morte do vigário-geral Mons. Frederico Hobold, em 12.03.

nº. 2: Pintura da matriz, em julho.

nº 3: Novo altar para a matriz, em 18.08.

nº. 4: Visita Pastoral de Dom Afonso Niehues.

nº. 5: Termo da Visita de Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis à Paróquia, de 20 a 28.09.

**Notas conclusivas:**

1. Embora o livro de Tombo iniciado pelo Pe. Antônio Eising, em 1900, ainda esteja sendo utilizado até a presente data para os registros importantes da Paróquia de Porto Belo, é conveniente que se guarde uma devida distância entre a anotação dos termos e sua publicação.

2. Nota-se que, embora seja Porto Belo uma das Paróquias mais antigas da região, são limitadas as anotações históricas, dado que a Paróquia sucessivamente era anexada a de Tijucas ou Camberlú, impossibilitando a escrituração dos termos, uma vez que não havia padre residente.

3. De qualquer modo, é de suma importância o relato dos termos para se levantar a história dessa importante Paróquia do litoral catarinense.

---

## **Subsídios Históricos**

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da página de anúncios do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia) de 24 de dezembro de 1881, ou seja, há exatamente cem anos.

### **Escola Pública de Joinville**

No segundo dia de festa de Natal, 26 de dezembro, às três horas da tarde, Assembléia Geral no novo prédio da Escola.

Pedimos a todos os pais de nossos alunos atuais, assim como aos responsáveis dos novos discípulos, tomarem parte da reunião.

**A diretoria**

X—X—X

**Primeira e Segunda Escola Pública de Joinville**

O novo ano letivo de 1882 começa no sábado, 7 de janeiro. A matrícula dos alunos das duas primeiras escolas, tanto para os que já frequentaram a Escola como para os novos alunos, realiza-se no sábado, 7 de janeiro, e segunda-feira, 9 de janeiro, das 8 às 12 horas, no novo prédio, na presença e por solicitação dos pais ou responsáveis.

O Delegado Literário, Dr. Wigand Engelke

X—X—X

**Escola Secundária** — O novo ano letivo começa no sábado, dia 7 de janeiro de 1882. Solicito aos pais e responsáveis, que me desejam confiar aos seus filhos, para providenciarem a imediata matrícula.

Os alunos maiores podem frequentar o meu curso noturno. Matérias: Português, Contas, Caligrafia e Matemática.

Caso se apresente um número suficiente de interessados, início novamente um CURSO DE PORTUGUÊS PARA ADULTOS.

Joinville, 21 de dezembro de 1881.

**Ernst Bueck**

X—X—X

**NOIVADO** — Apresentam-se como noivos: Sofie Berner, Albrecht Malschitzky.

**Joinville — São Bento**

X—X—X

**Brinquedos** — Bom sortimento e preços baixos. Hermann Kedenburg.

X—X—X

**SOCIEDADE HARMONIA** — São Silvestre, sábado, 31 de dezembro do corrente ano: CONCERTO TEATRO E BAILE

Será apresentado: 1º. — A Sinfonia Infantil — de Ludwig van Beethoven, 2º. — Louis XIV ou AMIGOS... — Comédia em 2 atos de Blach e Linderer.

Personagens: Ballmann, vereador, Ernestine, sua mulher, Hege-wald, negociante, Therese, sua mulher, Fechter, Capitão, Pauline, sua sobrinha, Ludwig Springsfeld, Bruno von Wappenstein, Laura, modista, Nanette, empregada de Ballmann, Martin, empregado de Ballmann, convidados, senhoras e cavalheiros.

Ação: Primeiro ato, Praça da cidade. Segundo, sala na residência de Ballmann. Início: 8 horas da noite.

Joinville, 21 de dezembro de 1881.

**A diretoria**

X—X—X

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

# Aconteceu... há 50 anos passados

José Gonçalves

(Informações contidas nas edições do jornal «A Nação», a partir de 29 de maio de 1943) (continuação).

— DIA 30/10/43 — O jornal informa a venda, por parte do sr. Ewald Benthin, ao sr. Orlando Soares, do antigo e frequentadíssimo Café Pinguim, que se localizava na esquina da rua 15 de Novembro com a Ângelo Dias.

— DIA 06/11/43 — O médico militar e jornalista Moacyr de Azambuja, afasta-se do cargo de redator-chefe de «A Nação», devido a seus afazeres na caserna. Foi substituído pelo brilhante jornalista Heráclito Lobato, até então redator-chefe do jornal joinvilense «A Notícia».

— DIA 07/11/43 — Ao vencer o Amazonas F. C. por 6 a 0, a equipe da Sociedade Desportiva Blumenauense sagrou-se campeã invicta de 1943.

— DIA 13/11/43 — Uma nota na quinta página de «A Nação» afirma que a primeira sessão de cinema no Brasil aconteceu em Blumenau no dia 15 de novembro de 1907, com um espetáculo público gratuito oferecido pelo sr. Frederico Guilherme Busch, fundador do Cine Busch.

— DIA 13/11/43 — O Instituto de Educação «Sagrada Família» inaugurou grande exposição de trabalhos de seus alunos.

— DIA 20/11/43 — Faleceu em Jaraguá do Sul, onde residia, a sra. Apolonia Moser Tomelin, mãe de Honorato Tomelin, fundador e proprietário do jornal «A Nação».

— DIA 24/11/43 — Foi oficialmente instalado em Blumenau o Rotary Clube de Blumenau, pelo então governador do Rotary, sr. Wallter Koch, cuja solenidade ocorreu no Teatro Carlos Gomes.

— DIA 25/11/43 — O interventor Nereu Ramos visitou Blumenau e presidiu a solenidade de inauguração do Serviço de Abastecimento de Água da cidade. Também presidiu a inauguração de uma bela exposição de orquídeas nos salões do Clube Náutico América.

— DIA 30/11/43 — O Grupo Escolar Luiz Delfino festejou a passagem de seus 30 anos de instalação (1910).

— DIA 1º./12/43 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se, perante numerosa assistência, a aplaudida cantora brasileira Maria Celeste,  
(Continua no próximo número)

# Sobre o Desenvolvimento de Nossa Cidade no começo do século

Der Urwaldsbote

Nº. 71 Sábado, 2 de março de 1912 Ano 19

1ª. Página

«Com o crescimento da cidade, também se fez necessário decretar normas para uma **nova forma de construção de casas**. Este assunto será discutido em breve na Câmara. Já no início do ano passado, o Superintendente, Sr. Schrader, incumbiu o arquiteto, senhor Gelbert, de elaborar um estudo para construção. Este esboço, como um outro que será fornecido pelo fiscal, senhor Ebert, servirá de base para o estudo da Comissão. O senhor Gelbert fez acompanhar ao seu estudo, que é muito bem feito, algumas observações gerais sobre o desenvolvimento de nossa cidade. Estas observações são muito interessantes, e nós aqui as transcrevemos.

«Em nosso tempo, tão agitado, surgem em todos os cantos do mundo, com espantosa rapidez, cidades que, em certo espaço de tempo, alcançam um grau de bem-estar tão elevado como não se conhecia em outros tempos. Com inveja, comunidades antigas olham para suas cidades vizinhas, pois não chegam a alcançá-las em número populacional como também em crescimento, pelo contrário, são ultrapassadas em quase tudo. Numa comparação, confirmou-se que devido suas instalações inadequadas, foram impedidas de progredir. Logo reconheceu-se que, para o desenvolvimento de cidades, seria necessário a criação de modernas e saudáveis moradias, como também, meios de transporte.

Em lugares onde vive muita gente aglomerada é natural que se acumulem grandes massas de matéria que devem ser logo afastadas, se não se quiser que cheguem a constituir um perigo para os moradores, poluindo o ar, a água e trazendo perigosas epidemias. Algumas cidades européias nos mostram a rápida transição.

O que o trabalho humano já fez para criar saudáveis condições de vida em moradias. Para tal serviço comunitário, são responsáveis as autoridades das cidades que, através de decretos contribuíram para a construção de estradas e formas de aproveitamento dos terrenos. Drenagens de canais, fornecimento de água, construção de casas e regulamentação de condições de vizinhanças e outras mais. Aqui em Blumenau, só ultimamente se fizeram ouvir vozes que exigem medidas urgentes neste sentido, pois está na hora de se fazer algo concreto. Não queremos aqui criticar os erros cometidos anteriormente, mas sim, queremos fazer sugestões de como estas falhas possam ser resolvidas, para que não tragam consequências piores.

Com os poucos meios de que dispõe a administração, naturalmente não se pode encenar grandes reformas; é preciso trabalhar aos poucos, de acordo com os meios disponíveis, mas **sistematicamente**, com um objetivo certo diante dos olhos. Não se deve repetir erros anterio-

res ou talvez ainda, aumentá-los. Deve ser criada uma norma para que no futuro tudo se constitua num só, inteiro e global.

**Em primeiro lugar**, seria necessário e imediato para a cidade, uma drenagem e canalização da água. Para a drenagem, se recomendaria, devido a situação do terreno e do rio Itajaí, o chamado «sistema paralelo». A vantagem deste sistema consiste em sua forma econômica. A desvantagem, no entanto, é que, em alguns lugares ao longo do rio, a água seria poluída. Mas, como por hora só é usada a água da chuva e os restos de uma canalização de água é usada para a lavagem dos detritos, seria preciso introduzir para as latrinas o **sistema de covas** e, mais tarde, continuar com o mesmo para que os detritos não fossem levados pela água.

Para o abastecimento de água da cidade, seria válido a construção de poços em forma de painéis, de preferência no Vale do Garcia e a água transportada por máquinas para grandes reservatórios, com respectiva filtragem.

Pois, próximo do centro da cidade, não existe nenhuma fonte, nem uma nascente que serviria para este fim e tivesse água suficiente. O sistema citado se adapta muito bem para Blumenau não só por ser barato mas também porque pode ser ampliado, por ocasião de maior consumo de água e crescimento da população.

Além disto, não seria só elaborar, mas sim começar imediatamente uma profunda **revisão** do Plano Diretor e uma definitiva norma de construção. Por ocasião da fundação e instalação de Blumenau foram feitos os maiores erros e é necessário corrigir isto enquanto ainda houver tempo. Se faz necessária, principalmente, uma **ordem de construção** que ofereça a possibilidade de ampliação do centro da cidade, impedindo-se a construção arbitrária que se observa. Se querem que a cidade se desenvolva como uma verdadeira cidade, é preciso quebrar com os tradicionais costumes florestais.

A situação paisagística de Blumenau é tal que, com o aterro dos lugares mais baixos que são facilmente inundados, se poderá fazer, uma cidade saudável e também bonita. Como se julga uma pessoa primeiro pelo seu exterior, assim também acontece com as cidades. Quantos aposentados e funcionários em pensão, que hoje gastam seu dinheiro em Desterro ou em São Paulo não prefeririam morar em Blumenau, se esta tivesse uma apresentação melhor.

Frequentemente são feitas comparações entre Blumenau e Joinville, quando não se é, absolutamente, a favor de Blumenau. Em outras cidades se criam sociedades para fomentar o movimento de estrangeiros e sociedades de embelezamento etc. Enfim, faz-se tudo para impulsionar a vida pública. Somente Blumenau continua dormindo. Existem até pessoas que vêem nestas tentativas de renovação, uma ambição pessoal condenável. E há tanto para modificar e melhorar!

Se hoje um estrangeiro chega a Blumenau de vapor, vê a cidade primeiramente pelos fundos. Latrinas quase caindo, currais de porcos é o que se vê primeiro. Quando se chega a cidade em si, logo verifica-se a construção arbitrária pelos terrenos. Ele não terá a impressão de uma cidade, mas sim a de uma grande aldeia, onde todos constroem suas casas onde bem querem. Mas, se ele olhar bem, também vai observar que Blumenau está crescendo e faz a tímida tentativa de sair de seu aspecto de floresta virgem, para ganhar um aspecto de cidade. Mas, isto acontece devagar e sem qualquer sistema.

O crescimento e melhoria da cidade, para a qual a administração municipal pode contribuir através de medidas objetivas, não será só em benefício da mesma, mas sim, para todo o município, pois, quanto mais o lugar crescer, mais dependerá do abastecimento da colônia. Então, pode-se desenvolver um verdadeiro mercado, que no momento ainda falta. A população de Blumenau é conhecida como ordeira e trabalhadora. Portanto, é de se esperar que a maioria dela não se oponha a possíveis renovações que a administração de Blumenau, porventura, fizer. Mas, em benefício de toda comunidade, é preciso fazer algum sacrifício. As vantagens, no entanto, estão bem claras e só a maldade não a enxergaria.

A Comissão de Planejamento da cidade, poderia ser completada por especialistas e precisa primeiro deliberar sobre o sistema de construção, bem como a revisão e modificação de todo o planejamento de construção. Para o sistema de construção, gostaria de sugerir o sistema de pavilhão. Blumenau deverá se desenvolver, correspondendo ao seu atual caráter, para uma verdadeira **cidade jardim**, onde deverão sobressair casas residenciais de um ou dois andares. Ruas amplas e largas, um certo número de lugares públicos, com árvores plantadas, bem como algumas comunicações com o rio, são de grande importância. E é preciso levar em consideração o que já existe e em possíveis mudanças não empregar a força.

É preciso estipular um certo espaço de tempo, talvez 20 anos, dentro dos quais poderão concretizar todas as mudanças previstas. Para pequenas construções, o tempo deveria ser menor. Em todas as construções, não deveria ser permitido grandes reparos ou modificações e só autorizar aquelas que salvariam a existente da ruína total. No plano diretor deveriam ser previstas a construção de **calçadas** e determinadas ruas onde este trabalho devesse ser feito logo. As ruas deveriam ser delineadas, para que não houvesse tantas reentrâncias irregulares.

Tudo, enfim, deveria ser pensado, unindo-se o prático ao bonito.

TRADUÇÃO : **Edith Sophia Eimer**

### P. Heriberto Schmitt

No final da tarde do dia 5 de maio, o p. Décio Bona nos telefonava dando a notícia do falecimento do P. Heriberto José Schmitt, no Parque Dom Bosco, casa onde estava morando desde maio de 1991. Seu coração, já bastante debilitado pela longa doença que vinha enfrentando, parou definitivamente.

O velório foi realizado na Capela do Colégio Salesiano. A missa de corpo presente, às 16 h. do dia 6, foi presidida por Dom Afonso Niehues, Arcebispo Emérito de Florianópolis, e concelebrada pelo Inspetor Salesiano, P. Helvécio Baruffi, e mais 28 sacerdotes salesianos e diocesanos. Centenas de pessoas, muitos parentes, acompanharam as solenidades fúnebres, prestando as últimas homenagens ao P. Heriberto José Schmitt, cujo corpo foi sepultado ao lado dos restos mortais do P. Pedro Baron (fundador da obra salesiana em Itajaí), no cemitério municipal do bairro da Fazenda.

Há alguns anos, o P. Heriberto vinha enfrentando problemas sérios de saúde. Submetido a delicada cirurgia na perna, várias ameaças de enfarte e problemas de pulmões, passou os últimos anos internando-se, com frequência, em hospitais, em Porto Alegre (RS), Blumenau (SC) e, ultimamente, em Itajaí, no Marieta Konder Bornhausen, onde ficou de 2 a 21 de abril. Foi bem atendido pelo Hospital, pelas irmãs, enfermeiros e pelo Dr. Garcia, seu ex-aluno. As visitas de parentes e amigos foram constantes

e confortadoras para o Pe. Schmitt.

Nos últimos tempos tomou mais consciência da gravidade de seu estado de saúde. No dia 6 de abril, pela manhã sentindo-se muito fraco, pediu à Irmã Giovane, Diretora do Hospital, que me chamasse para ministrar-lhes a Sagrada Unção dos Enfermos e Comunhão Eucarística. Recebeu com muita piedade e agradecendo continuamente. Aos poucos foi-se recuperando, com muita dificuldade; no dia 21 de abril recebeu alta do Hospital.

Mas o P. Schmitt amava a vida! Queria celebrar, no dia 8 de dezembro, suas Bodas de Ouro Sacerdotais. Desde dezembro de 1991, a cada dia 8 do mês, fazia questão de fazer "comemoração de ação de graças preparatória", como dizia. Comemorava a vida! Ainda na manhã e na tarde do dia que faleceu, andava pela cidade, preparando a festa de seu aniversário, que seria no dia 10, domingo, a realizar-se em Luiz Alves, na Capela de Dom Bosco de Canoas e na Gruta de Dom Bosco, por ele construída, perto da casa onde nasceu.

Gostava de festa, de alegria, e de música e esporte. Grande torcedor do "Marcílio Dias", time de futebol local. Sempre em movimento, não parava para tomar os cuidados que sua saúde exigia, a não ser quando no hospital; e não parava, nem neste, o tempo devido.

P. Heriberto nasceu em Luiz Alves (SC) a 10 de maio de

1916. Filho de Baltazar Ferdinando Schmitt e Ottilia Rudolf Schmitt, neto Paterno de Nicolau Schmitt, e de Maria Anna Zimmermann, Materno de José Rudolf e Bertha Kreuel, tinha dois irmãos e seis irmãs. Entrou no Colégio São Paulo de Ascurra (SC), no dia 16 de fevereiro de 1927, onde cursou o Ginásio e o Científico. De 27 de janeiro de 1934, fez o Noviciado em Campinas (SP), findo o qual, ingressou na Congregação Salesiana de Dom Bosco, professando os primeiros votos trienais. Cursou a Filosofia em Lavrinhas (SP), em 1934 e 1935. Fez o Tirocinio, prática da vida salesiana, de 1936 a 1938, em Campinas (SP). De 1939 a 1942 cursou Teologia, no Instituto Teológico Pio XI, na Lapa (SP), findo o qual recebeu a Ordenação Sacerdotal pelas mãos de Dom José Gaspar, em São Paulo, a 8 de dezembro de 1942.

Em 1943 exerceu o cargo de Coordenador dos estudos e de disciplina no Seminário Salesiano de Lavrinhas (SP). De 1944 a 1947, foi Coordenador de Educação Religiosa no Colégio Salesiano de Niteroi (RJ). Em 1948 assume o cargo de Coordenador dos Estudos e de Disciplina no mesmo Colégio. Este mesmo cargo passa a exercer em Vitória (ES), no Colégio Salesiano, de 1949 a 1952. De 1953 a 1967 trabalha no Colégio Dom Elvécio, em Ponte Nova (MG), cidade da qual recebeu o título de Cidadão Honorário, bem como de Raul Soares (MG), e São Pedro dos Ferros (MG). Em 1968 transferiu-se para Itajaí (SC).

Nesta cidade integrou a Comissão Municipal de Cultura e

fundou diversas agremiações literárias e esportivas, sendo também idealizador da campanha do Presépio Natalino nos lares e incentivador da Associação dos Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora, ligada ao Colégio Salesiano. Durante longo período, atuou como conselheiro espiritual do Clube Náutico Marcílio Dias. Especial atendimento sempre deu à Capela de São Judas Tadeu, na Paróquia Salesiana de São João Bosco, nesta cidade.

P. Schmitt exerceu o magistério por mais de 50 anos, 21 dos quais no Colégio Salesiano Itajaí, onde lecionou Latim, Religião, Literatura e principalmente Língua Portuguesa, sua especialidade. No dia 8 de setembro completaria 50 anos de sacerdócio, 25 dos quais vividos em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais; e os demais em Itajaí (SC). Nesta cidade, em 1988, recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Honorário Itajaíense.

Queremos testemunhar que o P. Heriberto José Schmitt morreu "vivendo a festa"! Morava ultimamente no Parque Dom Bosco por questões de saúde (menos escadas). A partir do último internamento em abril, estava mais calmo e tranquilo. Nas vésperas e no dia da morte, 05.05.92, andava às voltas, organizando suas festas: a do dia 8, sexta comemoração de (ação de graças) pelos próximos 50 anos de sacerdócio, e a do dia 10 de maio, para comemorar seus 76 anos de vida. Seria em Luiz Alves, na Capela Dom Bosco. Convidava todos. Queria festa grande! No final da tarde, um mal súbito interrompeu os preparativos. Par-

tiu em festa, sereno e, pelo que pudemos constatar, faleceu sem ter sofrido espécie alguma de agonia. Dia das mães celebrou seu aniversário com sua mãezinha, na plenitude!

Agradecemos aos irmãos sa-

lesianos, irmãs salesianas, parentes e amigos a presença, e apoio e as preces.

**P. Licério João Spezia**

(Transcrito da revista "Sintonia" n.º. 95 - Ano XXII - Maio de 1992 - Porto Alegre - RS.)

## Emílio Baumgart

Morreu o criador da técnica nacional, de construções de cimento armado, «a mais avançada do continente».

No começo deste mês, faleceu no Rio de Janeiro, o notável engenheiro Emílio Henrique Baumgart, consagrado um dos maiores especialistas do mundo em construções em cimento armado.

Emílio Baumgart foi, antes de mais nada, um desses espíritos inteiramente devotados à ciência, gloriosa afirmação da engenharia nacional, a qual servia dotando-a de uma técnica de construções em cimento armado, reconhecida como a mais avançada de todo o continente.

Noticiando o desaparecimento do notável catarinense, o «Diário da Noite» assim se manifesta:

« O Engenheiro Emílio Baumgart, natural de Santa Catarina, nasceu a 25 de junho de 1889. Veio para o Rio, em 1911, para ingressar na Escola Politécnica. Custeou, ele próprio, o seu curso, lecionando no Ginásio São Bento e trabalhando, desde o segundo ano, na firma construtora L. Riedlinger.

Em 1913, ainda aluno, foi autor das primeiras obras de concreto armado projetadas no Brasil, destacando-se o «stand pipe», de S. Felix, na Bahia e a ponte de Maurício de Nassau, em Recife. São desse mesmo tempo as primeiras

pontes de concreto armado, em Petrópolis, e os edifícios do Hotel Central, Hotel Glória e Palace Hotel. Interrompeu os seus estudos, por dois anos, conseguindo, finalmente o diploma de engenheiro civil, em 1919. Projetou, em 1924, o primeiro «arranha-céu» da Cinelândia e, a seguir, fundou o escritório técnico Emílio H. Baumgart, de cálculo e projeto de estruturas de concreto armado, onde se manteve até a sua morte, dirigindo a organização, que foi, na realidade uma admirável escola de técnicos e calculistas brasileiros. Ousou projetar e construir o edifício de «A Noite», numa época muito diferente da que caminhamos, quando os métodos de cálculo estavam ainda numa fase primária. Construiu também o antigo edifício de «O Jornal» onde se acha, atualmente, a «Caixa Econômica». A ponte do Herval, sobre o rio do Peixe, em Santa Catarina, de sua autoria, constitui um record mundial.

Emílio Baumgart era filho de Blumenau, sendo seu pai o Sr. Gustavo Baumgart e Dna. Matilde Odebrecht Baumgart, ambos já falecidos.

**Fonte:** Jornal «A Nação» — 21.10.1943 — pg. 01.

## Germano Huscher

No fim da tarde friorenta de sexta-feira, entrevistei Germano Huscher.

Um desses anciãos simples como água potável. Tem sobre os ombros o peso de oitenta primaveras, completadas no dia 15 do corrente. Gloriosas primaveras, aqui vividas, desde quando viu a luz em Belchior, no humilde lar de um fundador e colaborador direto de Hermann Blumenau, que foi seu pai Curt Gottlieb.

Contou-me o velho Germano Huscher as peripécias da vida e a abnegação ao trabalho, dos que se dedicavam como se dedicaram, do núcleo rudimentar de casas de palmito, à construção desta Blumenau, jóia do Vale do Itajaí.

Na margem esquerda do ribeirão «Garcia», desde o ano de 1880, Germano Huscher labuta na colméia blumenauense. Foi o dono do primeiro curtume de Blumenau, que é hoje a firma Huscher Irmãos Cercado das propriedades dos seus filhos, o vigoroso velho Germano Huscher ficou na larga varanda da

sua residência em modesto estilo colonial cercada de fruteiras e árvores ornamentais. Ao deixá-lo, pelo caminho fui pensando nas cores da vida colonial, da época do sábio Fritz Mueller, em 1880, quando a enchente destruiu o negócio de Mayer Spierling, lugar justamente onde depois teve o teatro, e hoje, é a Empresa Força e Luz Santa Catarina S. A., quando Curt Gottlieb para tráfegar com sua carroça teve que sair com um machado para decepar os focos do caminho; quando o próprio Dr. Hermann Blumenau fez o levantamento e dirigiu os trabalhos da Estrada da margem esquerda do Ribeirão «Garcia».

Quando fugiram-me as imagens da conversa de Germano Huscher, retive-me no quadro cheio de bucolismo: seu vulto ao lado de um pessegueiro velho, teimando em florir um resto de galhos meio apodrecidos, sua sombra desenhada num chão qualhado de pétalas rubras numa árvore em flor. Tudo no fim da tarde fria.

**Fonte:** Jornal «A Nação» — 14.08.1943 — pg. 01.

---

## ACONTECEU...

Fevereiro de 1994

— DIA 1º. — A tenista blumenauense Fernanda Firmo conquistou o título de tênis nas disputas pela Copa Cidade de São Paulo, na capital paulista. \*\*\* O Tte. Cel. Paulo Roberto Peixoto de Andrade recebeu, do Tenente-Coronel Getúlio Sarandy Machado, o comando do 23º Batalhão de Infantaria.

— DIA 2 — A imprensa noticia com pesar o desativamento da estação telemétrica do Projeto Crise, instalada na Ponta Aguda e que servia para o controle dos índices pluviométricos na área urbana de Blu-

menau. \*\*\* O artista plástico Guido Heuer assinou contrato com o BESC para execução de um painel na sede reformada da agência daquele banco em Blumenau. \*\*\* Um violento temporal, formado por intensas chuvas e fortes ventos, causou muitos estragos em vários bairros de Blumenau, inclusive no centro. O bairro mais atingido foi o das Itoupavas. Felizmente não houve vítimas a lamentar.

— DIA 4 — A imprensa dá destaque à informação da Comissão Estadual de Combate ao Cólera, de que o vibrião do cólera foi encontrado nas águas do Itajaí-açu, em coletas feitas pelo SAMAE em 21 de janeiro. \*\*\* Foram instaladas três lombadas eletrônicas na rodovia Guilherme Jensen, nas Itoupavas, medida esta que visa garantir mais segurança aos estudantes que usam aquela rodovia.

— DIA 8 — Através da imprensa, o Departamento Municipal de Trânsito registrou, de 4 a 6 do corrente, 20 acidentes de trânsito na cidade com uma morte e treze feridos sem gravidade. \*\*\* A imprensa dá destaque ao quinto transplante de rim, realizado em Blumenau, por uma equipe médica do Hospital Santa Isabel.

— DIA 9 — Entraram em funcionamento dois dos treze teares «Sulzer-Rüti», fabricados na Suíça e importados pela Cremer, Produtos Têxteis e Cirúrgicos.

— DIA 11 — De acordo com registros contidos no Programa de Detenção e Controle da AIDs da Secretaria de Saúde de Blumenau, acham-se registrados oficialmente no município, até este mês, 316 aids. Na opinião do infectologista Amauri Miéle, o caso é assustador. \*\*\* Com homenagens, baile e show pirotécnico, o Clube Blumenauense de Caça e Tiro comemorou, neste dia, a passagem de seus 100 anos de fundação, ocorrida a 11 de fevereiro de 1894.

— DIA 17 — O popular Bar Kriado, um dos pontos mais frequentados nas noites blumenauenses, foi reinaugurado com nova decoração e totalmente remodelado para satisfação de seus inúmeros frequentadores. \*\*\* Pelos 54 anos de serviços prestados na medicina à comunidade da região, o conceituado médico Paulo Pedro Mayerle, foi com muita justiça homenageado em tocante solenidade, recebendo das mãos do governador Vilson Pedro Kleinubing a Medalha do Mérito Anita Garibaldi. \*\*\* Com o violento temporal que caiu sobre a cidade, durante três horas Blumenau permaneceu no escuro, face a desarranjos no sistema elétrico de abastecimento.

— DIA 18 — Com a publicação do respectivo Edital, foi reiniciado o processo de privatização do porto de Itajaí.

— DIA 19 — Às 10 horas foi inaugurado o Shopping Center Continental, situado à rua 2 de Setembro, proximidades da Rodoviária, no bairro Itoupava Norte. \*\*\* Vítima de pertinaz enfermidade, faleceu nesta madrugada a artista plástica Elke Hering, que se achava em tra-

tamento no Hospital Santa Catarina. Elke Hering era presidente da Fundação «Casa Dr. Blumenau». \*\*\* Em face dos estragos causados pelas últimas enxurradas em Blumenau, o prefeito Renato Vianna decretou situação de emergência no município.

— DIA 24 — O consagrado humorista José Vasconcelos, com quase 50 anos de brilhante carreira pelos palcos brasileiros, apresentou-se no Teatro Carlos Gomes, após 5 anos de ausência de Blumenau, repetindo o grande sucesso da apresentação anterior.

— DIA 25 — As autoridades sanitárias informaram que em menos de dois meses ocorreram registros de 18 casos de meningite na cidade de Blumenau.

---

## Cartas

---

«Blumenau, 17 de fevereiro de 1994.

Ilmo. Sr.

JOSÉ GONÇALVES

DD Diretor de Blumenau em Cadernos

Prezado Senhor,

Apraz-me, em primeiro lugar, agradecer a Va. Sa., pela inserção de meu artigo a respeito de Antônio Heckert, na página destinada à Figura do Passado, o que me deixou realmente comovido.

Recebemos diversas manifestações de carinho, pelo artigo publicado no número 10, de outubro de 1993.

Quero retribuir a Va. Sa., todo este carinho e ainda o reconhecimento por tão relevante trabalho desenvolvido à frente de Blumenau em Cadernos, que, Va. Sa., mesmo se expressou em um de seus artigos, é cansativo, mas gratificante.

Espero firmemente em Deus, que Va. Sa. tenha ainda muitos anos de sucesso, e que colha frutos saborosos das sementes plantadas em toda Vossa vida.

Blumenau em Cadernos continua boa. Continua bela. Continua educativa.

Sinais de que, está sendo bem dirigida.

Aproveito a oportunidade para anexar a esta, um trabalho, apresentando alguns tópicos de uma senhora, que também, a exemplo de meu pai Antonio Heckert, levou uma vida voltada ao trabalho, ao zelo pelos filhos e ao Amor.

Tal trabalho, gostaria que fosse também publicado, completando assim, a felicidade dos filhos que muito a amaram, e que, jamais a esquecerão.

Agradeço, mais uma vez, a Va. Sa., pelo que possa fazer, e, tenho certeza, tal artigo há de levar algo bom a todos os que o haverão de ler.

Sem mais, envio meus sinceros votos de elevada estima e apreço, e, despeço-me.

atenciosamente  
Claudio Heckert

# CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXXI

## Carl Wahle e a Guerra do Paraguai

S. C. Wahle — 1993

Originariamente Carl Wahle emigrou, em 1906, para o Amazonas, região dos rios Mamoré e Madeira. Pouco tempo depois, transferiu-se para o Paraguai, de onde seguiu para a Argentina. Permaneceu lá pelo espaço de seis anos. (1908-1914). Na sua passagem pelo Paraguai ficou intrigado com as histórias que lá contavam sobre uma guerra havida com o Brasil.

De volta a Alemanha em 1914, aproveitou para visitar o seu primo, Frei Luciano Korte O.F.M., vigário de Rodeio, a primeira guerra mundial reteve-o em Blumenau. Começou a lecionar no Colégio Santo Antônio, e, passou a dedicar algumas horas vagas sobre a história da guerra do Paraguai. Achou estranho que a versão contada no Paraguai diferia daquela contada no Brasil.

Foi aí, que esta guerra tornou-se o seu passatempo predilêto. No decorrer dos anos começou a formar uma pequena biblioteca sobre a guerra do Paraguai, das mais variadas procedências e línguas. Tinha um ciúme destes livros, não emprestando-os a outrem. Quem quizesse consultar, que o fizesse na sua casa. Chegou a acumular cerca de 164 volumes.

Havia alguns interessados nesta coleção, que passou a ser uma das maiores, do país, em mãos de um particular. Quem se preocupava com o destino desta coleção era José Ferreira da Silva. Pouco antes do falecimento do meu pai, tive a oportunidade de trocar idéias com ele a respeito. Disse-me que prometera à minha mãe, que a sua biblioteca não poderia ser desfeita enquanto ele vivesse, e, então gostaria que fosse doada à biblioteca que José Ferreira da Silva estava organizando, pois, ele o tinha em grande estima. Foi assim que a coleção sobre a guerra do Paraguai passou a pertencer ao acervo da Biblioteca «Fritz Mueller».

---

## GENEALOGIA DA FAMÍLIA GOEDERT

Pedro Ernesto da Silva

(Continuação)

T3-107 Hamilton C. Goedert — solteiro.

T4-108 Marli Goedert — solteira.

T5-109 Ana Lucia Goedert — solteira.

T6-110 Vania Goedert — solteira.

F6-8 Maria Goedert, (f) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt, em 28.1.1865, livro 850/867 (25V-8), (cc) João Reitz, (f) João Reitz e Catarina Klein, nat. e bat. em Hirschfeld, Reino da Prússia, test. Pedro Arenz e Peter Reitz.

F7-9 José Goedert, n. 1859, (f) Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (cc) Celestina Schweitzer.

N1-53 Catarina Maria Goedert, n. 07.6.1892, (f) José Jacó Goedert e Celestina Schweitzer, (RC) SPA em 06.7.1892 (11V-12), (n/p) Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (n/m) João Schweitzer e Luzia Bornhauser.

N2-54 Vitorino Goedert, n. 11.8.1893 — R.C. SPA — 14.10.1893 (12-17), (f) José Jacó Goedert e Celestina Schweitzer, (n/p) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (n/m) João Schweitzer e Luzia Bornhauser.

F8-10 Maria Madalena Goedert, n. 06.9.1863, bat. 20.9.1863 SPA (71V-43), (f) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt, (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wischem, (cc) Bernardo Francisco Schramm (f) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdich, (+) 02.6.1914 — Gaspar — L2, f. 105, com 55 a., n. 1859.

N1-55 Adelaide Maria Schramm, n. 14.10.1889, (f) Bernardo Francisco Schramm e Maria Madalena Schramm, (n/p) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdich, (n/m) Jacó Goedert e Catarina Schmidt, em 1916, Gaspar, L3 f. 120, n.º 22 (8-15), (cc) João Justino Pereira, 45 a., (f) Justino Vicente Pereira e Maria Francisca de Jesus.

N2-56 José Bernardo Schramm, n. 20.3.1889, bat. Gaspar, L3, f. 124, n.º 44 (38V-83), (f) Bernardo Francisco Schramm e Maria Madalena Goedert, (+) 27.8.1891, L1 — 120 (4V-10).

N3-57 Leão Carlos Schramm, n. 26.1.1891, bat. Gaspar, L4, f. 22, n.º 35 (39-84), (f) Bernardo Francisco Schramm e Maria Madalena Goedert, (n/p) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdich, (n/m) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt.

N4-58 Otilia Schramm, n. 22.3.1893, bat. Gaspar, L4 f. 101, n.º 181 (39-85), (f) Bernardo Francisco Schramm e Maria Madalena Goedert, (n/p) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdich, (n/m) João Jacó Goedert e Catarina Schmidt.

II Ramo tem

F 10, N 58, B 123, T 109, Q 8 — Computados.

### III Ramo

A Família de **Cristóvão Besen**, (cc) Margarida Schmidt (1.º casamento), n. Em Brohl, Alemanha, em 1827, (f) João Pedro Schmidt, n. 08.9.1791, Brohl, (cc) Maria Madalena Wirschen, n. 1792, teve 4 filhos.

A Família Besen-Schmidt teve um filho na Guerra do Paraguai (1864-1870).

F1-1 Catarina Besen, nat. SPA, (f) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, em 11.8.1864 (25V-7) — SPA, L 850/867, (cc) Francisco Meurer, (f) Pedro Meurer e Luzia Vilendin. (Não conhecemos a ascendência).

Gertrudes Zimmermann (+) c/28 a., n. 1841 — óbito Gaspar 28.8.1869, L 1.5 (3V-14), 1ª. esposa de Pedro Sabel.

F2-2 **Cristina Besen** — 2ª. esposa de Pedro Sabel (+) c/59 a. Cf. Ob. Gaspar em 13.7.1893, L1, f. 137, T 47 (3-12), com tísica, (f) Cristóvão Sabel e Ana Conradi, c/10 filhos.

N1-1 Pedro Nicolau Werner c/28 a., n. 1865, (f) Nicolau Werner e Luiza Spengler, em 14.4.1893, cas. Gaspar, L2, f. 39, n.º 20 (12V-36), (cc) Maria Sabel c/21 a., n. 1872, (f) Pedro Sabel e Cristina Besen.

B1-1 Nicolau Werner n. 15.10.1894, bat. Gaspar, 14, f. 126, n.º 200 (47V-111), (f) Pedro Nicolau Werner e Maria Sabel, (n/p) Nicolau Werner e Luiza Spengler, (n/m) Pedro Sabel e Cristina Besen, (b/m) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.

N2-2 Bernardo Sabel, n. 28.4.1873, bat. Gaspar, L Supl. F. 14 (21V-24), (f) Pedro Sabel e Cristina Besen, em 10.11.1857 (+) afogado, c/14 a., ob. Gaspar, L 1867/1894, f. 92, n.º 45.

N3-3 Margarida Sabel, n. 22.9.1874, bat. Gaspar 10.1.1875 (32-26), (f) Pedro Sabel (nat. SPA) e Cristina Besen (nat. Big.), moradores desta freguesia, (n/p) Cristóvão Sabel e Inez Conrad, (n/m) Cristóvão Besen e Margarida Semeter Schmidt, em 12.1.1878 (+), Gaspar, conf. F. 30V, n.º 2, c/3, 4 a.

N4-4 Ana Sabel, n. 19.7.1876, bat. Gaspar, 15.8.1876, L 1, f. 62 (23V-32), (f) Pedro Sabel e Cristina Besen, em 27.9.1876 (+) c/2 m., L1, f. 19 (3-10).

N5-5 Adão Sabel, n. 26.1.1878, bat. Gaspar L2, f. 98 (23-31), (f) Pedro Sabel e Cristina Besen, (n/p) Cristóvão Sabel e Inez Conrad, (n/m) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, em 16.8.1902, cas., Gaspar, L 2, f. 103, n.º 38 (9-19), Adão Sabel c/24 a., n. 1878, (cc) Rosa Hostins, (f) Alexandre Hostins e Ana Alves de Andrade.

N6-6 Luisa Sabel, n. 27.6.1881, Gaspar, bat. L1, f. 186, nº. 93 (21V-25), (f) Pedro Sabel e Cristina Besen ,(n/p) Cristóvão Sabel e Inês Conrad, (n/m) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.

N7-7 Antonio Sabel, n. 09.4.1883 (22-26), bat. L II B, f. 29, nº. 56, (f) Pedro Sabel e Cristina Besen, em 13.9.1913, cas. Gaspar L 3, f. 52, nº. 27 (9-20) (cc) Inez Müller c/19 a., n. 1894, (f) Adão Müller e Ana Candida Silva.

N8-8 Leão Sabel, n. 28.6.1884 (22-27), bat. Gaspar, L II B, f. 65, nº. 117, (f) Pedro Sabel e Cristina Besen.

N9-10 Cristina Sabel, n. 24.7.1885 (22V-29), bat. Gaspar L3, f. 16, nº. 94, (f) Pedro Sabel e Cristina Besen.

N10-10 Gertrudes Sabel, n. 13.9.1897 (23-30), bat. Gaspar L3, f. 75, nº. 159, (f) Pedro Sabel e Cristina Besen.

Obs. Posto Arraial — Gaspar (Sabel-Besen).

Euclides Sabel, (cc) Beatriz Hannemann, (f) João Anselmo Sabel, (cc) Herta Santos, (n/p) Antonio Sabel, (cc) Inez Müller, é irmão de Pedro Sabel, (cc) Cristina Besen.

F3-3 João Antonio Besen, cas. Gaspar 25.11.1871 (52V-21), (f) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (cc) Catarina Simônis — 1ª. esposa, (f) Nicolau Simônis e Gertrudes Rengel. Teve 11 filhos.

Note: João Antonio Besen casou-se 3 vezes.

N1-11 Francisco Besen, AC Rachadel, (f) João Antonio Besen e Catarina Simônis, (n/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (n/m) Nicolau Simônis e Gertrudes Renzel, (cc) Paula Rechartz, inf. Apolonia Besen).

B1-2 Elias Besen — Massaranduba.

B2-3 José Besen — idem.

B3-4 Jacó Besen — Curvado — Gal. Rond. PR.

B4-5 Pedro Besen — Guíomar de Dentro — AC.

N2-12 José Besen — casou-se 3 vezes. 1ª, Luiza Gesser — 2ª. Apolonia Pauli — 3ª. em Massaranduba.

N3-13 João Jacó Besen, n. 25.7.1888 — AC, (fi 116-B 16) (f) João Antonio Besen e Gertrudes Simônis — 3ª. esposa, (n/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (cc) Bernardina Schmidt, (f) Bernardo Pedro Schmidt e Veronica Berns, (n/p) Pedro Schmidt e Luzia Ludwig, (b/p) Nicolau Schmidt e Margarida Bins.

B1-6 Luzia Besen, n. 19.8.1932 (fi 116 B 18 — AC), (f) João Jacó Besen (soro e cunhado) e Ana Pauli — 1ª. esposa, (n/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (cc) Evaristo Schmidt, (f) Bernardo Pedro Schmidt e Veronica Berns, (n/p), Pedro Schmidt e Luzia Ludwig, (b/p) Nicolau Schmidt e Margarida Bins.

B2-7 Valdemiro Conradi, n. 02.10.1932 — AC — (fi 122 B 48), c/4 f., (f) Bernardo Conradi e Maria Pauli, (cc) Alvina Petry, n. 27.11.1935 — AC, (f) Vendelino Petry e Maria Besen. (n/m) Jacó João Besen e Ana Pauli — 1ª. esposa.

B3-8 Pedro Conradi, n. 26.6.1938 — AC, (f) Bertoldo Conradi e Mari Pauli, (cc) Adelina Petry, n. 20.5.1940, (f) Vendelino Petry e Maria Besen, (n/m) Jacó João Besen e Ana Pauli — 1ª. esposa.

N4-14 Pedro Paulo Conradi, n. 29.6.1909 — Ac, 24 n51) c/15 f., Nicolau Conradi Jr. e Catarina Reitz, (f) João Reitz e Maria Reinert, em 11.1.1933, (cc) Maria Madalena Besen, n. 25.11.1914, (f) Pedro João Besen e Apolonia Pauli, (n/p) João Antonio Besen e Gertrudes Simônis — 3ª. esposa.

B1-9 Dietmar Conradi, n. 11.11.1934 — AC, (fi 125 B 76) c/4 f., (f) Pedro Paulo Conradi e Maria Madalena Besen, (cc) Teresinha Besen, n. 24.10.1936, (f) Antonio Besen e Virginia Gomes, (n/p) Antonio Besen e Carolina Martendal.

B2-10 Judite Conradi, n. 18.8.1936 — AC, (fi 125 — B 77) c/11 f., (f) Pedro Paulo Conradi e Maria Madalena Besen, (cc) Afonso Besen, n. 1931, (f) Antonio Besen e Carolina Martendal.

N5-15 Luiza Besen, (cc) Matias Petry.

N6-16 Roberto Besen — Rachadel — Filomena Pauli, (f) João Antonio Besen e Catarina Simônis — 1ª. esposa.

B1-11 Laurino Besen — Curvado — Gal. Rondon PR, Lucinha Richartz.

B2-12 Werner Besen — RJ, Bella ...

B3-13 Maraia Besen, Aloysio Geser.

B4-14 Florentina Besen, José Richartz (Agrônômica).

B5-15 Lino Besen, Anastacia Petry.

B6-16 Ida Besen — AC, Almir Schmitt.

- B7-17 Delfina Besen — religiosa, Div. Prov. Bl.  
 B8-18 Hilda Besen — religiosa, Franciscana.  
 B9-19 Bernardino Besen, Vilma Gorges — Rachadel — AC.  
 B10-20 Tila Besen, casou-se 2 vezes, 1ª. — Leo Richartz, 2ª. José Costa.  
 B11-21 Tomás Besen, Odete Cecília Pauli.  
 T1-1 Daércio Roberto Besen, n. 1961, (cc) Estela Hartmann, (f) Tomás Besen e Odete Cecília Pauli, (n/p) Roberto Besen e Filomena Pauli, (b/p) João Antonio Besen e Catarina Simõnis — 1ª. esposa, (t/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.  
 T2-2 Eliane Cecília Besen.  
 T3-3 Márcio Luiz Besen.  
 T4-4 Rubens Antonio Besen.  
 T5-5 Cristiane Besen.  
 T6-6 Marcos Alexandre Besen.  
 N7-17 Apolonia Besen, n. 02.4.1897, (f) João Antonio Besen e Catarina Simõnis — 1ª. esposa, (n/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (cc) Fernando Emilio Richartz.  
 B1-22 Maria Richartz — Big. Encruz., (cc) Crisótomo Kuhn.  
 B2-23 Deolinda Richartz, Manoel de Souza.  
 B3-24 Lucina Richartz — Curvado — PR, Laureano Besen.  
 B4-25 Benjamin Richartz — AC, Alvina Martendal.  
 B5-26 Anastácia Richartz — AC, Oswaldo Hoffmann.  
 B6-27 José Richartz — Rio Farias, Teonila Berns.  
 B7-28 Mônica Richartz — AC, João Juvenal Machado.  
 B8-29 Erwino Fernando (Miné) Richartz, Renila Kuhn — Guiomar de Fora.  
 B9-30 Marcolino Richartz — Rio Farias — AC, Maria Petry.  
 B10-31 Reinoldina Richartz — Ac, Adão Furtak.  
 B11-32 Nilza Richartz — Guiomar de Fora — AC, José Martendal.  
 B12-33 Lindolfo Richartz — G. F. — AC, Margarida Kuhn.  
 N8-18 Maria Besen — Rachadel — AC, (cc) Amâncio Nicolau Conrat.  
 B1-34 Gertrudes Conrat, n. 18.10.1893 — Ac, (f) Amâncio Nicolau Conrat e Maria Besen, (n/p) João Antonio Besen e Catarina Simõnis — 1ª. esposa, (cc) José Adão Reitz, n. 20.3.1888 — AC, (f) João Adão Reitz, n. 18.12.1842 e Maria Reinert, n. 18.6.1848.  
 T1-8 Estanislau Reitz, n. 07.5.1915 — AC, (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat. (cc) Apolônia Petry, n. 09.7.1915 — AC, (f) José Pedro Petry e Elisabeth Prin.  
 T2-9 Barbara Reitz, n. 30.10.1917 — religiosa, freira da Div. Prov. (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat.  
 T3-10 Maria Reitz, n. 28.10.1919 — AC, (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat, (cc) José Sebastião Petry, (f) José Pedro Petry e Elisabeth Prinn (irmão T1).  
 T4-11 José Reitz, n. 09.10.1922 — AC, (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat, (cc) Maria Hoffmann.  
 T5-12 Otilia Reitz, n. 13.2.1925, (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat.  
 T6-13 Adelina Reitz, n. 30.4.1926 (f) José Adão Reitz e Gertrudes Conrat, (cc) Raulino Hoffmann.  
 B2-35 Angelina Reitz, n. 11.10.1895 — AC, (f) João Adão Reitz e Maria Reinert, (cc) Pedro Amâncio Conrat, (f) Amâncio Nicolau Conrat e Maria Besen (F8), (n/m) João Antonio Besen e Catarina Simõnis.  
 T1-14 Angelina Conrat, n. 02.2.1920, (f) Pedro Amâncio Conrat e Angelina Reitz.  
 T2-15 Maria Conrat, n. 15.6.1922 — religiosa, Divina Providência — **Irmã Amélia**.  
 T3-16 Lemita Conrat, n. 4.10.1923 — religiosa, Divina Providência — **Irmã Célia**.  
 T4-17 Blondina Filomena Conrat, n. 18.2.1925 — AC, (f) Pedro Amâncio Conrat e Angelina Reitz, (cc) Bertino Zimmermann, (f) Leopoldo Pedro Zimmermann e Maria Koch, (n/p) Pedro Zimmermann e Margarida Schmitt.  
 N9-19 Gertrudes Besen, Guilherme Richart.  
 N10-20 Margarida Besen (+)solteira.  
 N11-21 Ana Besen (fi 119, n. 11), (f) João Antonio Besen e Margarida Simõnis — 2ª. esposa, (cc) Nicolau Petry, (f) Matias Petry e Cristina Gesser.  
 B1-36 Virgilio Conradi, n. 12.1.1898 — AC, (f) Nicolau Conradi Jr., c/10 f. (fi — 119) e Cristina Reitz, (f) João Reitz e Maria Reinert, (n/p) Nicolau Conradi e Silvana Fischer, (cc) Cristina Petry, n. 10-2-1898, (f) Nicolau Petry e Ana Besen, (n/p) Matias Petry e Cristina Gesser, (n/m) João Antonio Besen e Margarida Simõnis — 2ª. esposa, (b/m) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.

- B2-37 Dionísio Conradi, n. 30.3.1923 — AC, (fi — 119), c/6 filhos, (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Madalena Delatônia.
- B3-38 José Conradi, n. 21.5.1924 (fi — 120), c/8 f., (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Salute Bertan.
- B4-39 Alvíno Conradi (+) c/2 m., (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry.
- B5-40 Teresinha Conradi, n. 10.11.1926 — solteira, (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry (fi 120).
- B6-41 Maria Conradi, n. 21.1.1928 — AC (fi 120), (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Antonio Pimentel, c/7 f.
- B7-42 João Conradi, n. 16.2.1929 AC (fi 120), (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) ...
- B8-43 Fandila Conradi, n. 21.8.1920 (fi 120), (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Generino Pauli, c/5 f.
- B9-44 Ovídio Conradi, n. 03.6.1932 AC (fi 120) (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Lourdes Besen, n. 1931 (Campos Novos), (f) Sebastião Besen e Carolina, c/3 f.
- B10-45 Pedro Conradi, n. 08.9.1933 AC (fi 120), (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (cc) Catarina Stefens, c/2 f.
- B11-46 Sebastião Conradi, n. 19.1.1939 — solteiro (fi 120). (f) Virgílio Conradi e Cristina Petry, (n/p) Nicolau Conradi Jr. e Cristina Reitz.
- F4-4 Antonio Cristóvão Besen, (f) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, (f) João Pedro Schmidt, n. 08.9.1791 e Maria Madalena Wirschen, n. 1792, (cc) Fomázia Schütz, c/8 f.
- N1-22 João Antonio Besen Ac (pai de Artulino Besen), (cc) Catarina Zimmermann.
- B1-46 Antonio Besen AC, 6 f., (cc) Sofia Manes.
- B2-47 Sebastião Besen — Joaçaba, (cc) Tecla ... c/5f.
- B3-48 Maria Besen — Nova Londrina, (cc) Martim França — c/6 f.
- B4-49 Matilde Besen — Picare — SC, (cc) Gabriel Pauli, c/12 f., irmão de Flávia Pauli Sens — Itupor.
- B5-50 Cecília Besen — Joaçaba — 14 f., (cc) Virgulino Besen.
- B6-51 Anastácia Besen — Cascavel — PR, (cc) José Cherer, 14 f.
- B7-52 Martinha Besen — AC, (cc) Azemiro Hoffmann.
- B8-53 Artulino Besen, n. 10.1.1920 — c/11 f., (f) João Antonio Besen, n. 1886, e Catarina Zimmermann, (n/p) Antonio Cristóvão Besen e Tomázia Schütz, (b/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, n. 1827, (cc) Lúcia Pauli — 1ª. esposa, c/8 f.
- T1-18 Ana Maria Besen — AC, n. 28.7.1947, Freira da Fraternidade Esperança — Forquilha.
- T2-19 Nezir Madalena Besen, c/4 f., (cc) Jaime Schmitz, pref. AC — 89/92.
- T3-20 José Besen Padre Vigário do Saco dos Limões — Florianópolis.
- T4-21 Cecília Besen — AC, 3 f. — Prof., (cc) Moyses da Silveira — Engenheiro.
- T5-22 Inês Besen — AC — Prof., (cc) Pedro João Noel, c/4 f.
- T6-23 Ivone Besen — Curitiba, c/3 f., (cc) Mario Baumgarten.
- T7-24 Pedro Paulo Besen — AC, c/2 f., (cc) Marilanda Baumgarten.
- T8-25 Sebastião Artulino Besen — Curitiba, (cc) Elisete ...  
24 2ª. esposa: Olivia Koch — AC, 3 f.
- T9-26 Carla — nati-morta.
- T10-27 Claudemir Oneri Besen — solteiro — 22 anos.
- T11-28 Marco Aurélio Besen, 22 a. — solteiro — AC.
- B9-54 José Besen — AC, 5 f., n. 13.1.1922, (cc) Maria Conradi, n. 23.8.1931 — AC, (f) Bertoldo Conradi e Maria Pauli.
- B10-55 Lindolfo Besen — Lages, 6 f., (cc) Nila Rosweiler.
- N2-23 Pedro Besen — Massaranduba.
- N3-24 José Besen — Massaranduba.
- N4-25 Genoveva Besen — Massaranduba.
- N5-26 Filomena Besen — SPA — Leprosário, (cc) José Schmitt.
- N6-27 Matias Besen — Massaranduba.
- N7-28 Maria Besen — Massaranduba.
- N8-29 Guilherme Besen — SAI — n., 1882 — Big., (cc) Catarina Meurer, (f) Antonio Cristóvão Besen e Tomázia Schütz, (n/p) Cristóvão Besen e Catarina Schmidt.
- B1-56 José Valdomiro Besen — SAI — Varginha, (cc) Marta Schreiber, c/5 f.
- B2-57 Gregório Besen — SAI, (cc) Ernestina Turnes.
- B3-58 Maria Filomena Besen — Big., (cc) Pedro Firmino Felisbino.

B4-59 Guilherme Leopoldo (Leo) Besen — SAI, (cc) Adelina Turnes.  
B5-60 Antonio Reinoldo Besen (Tony), (f) Guilherme Besen, n. 1882 e Catarina Meurer, n. 23.1.1918, (n/p) Antonio Cristóvão Besen, (cc) Tomázia Schütz, (b/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt; (cc) Enedina Gerent Schmitt, n. 23.12.1924, (f) Augusto Adão Schmidt e Cristina Gerent, (n/p) Pedro João Gerent e Maria Longen, (b/p) João Gerent e Ana Maria Waltrich, (t/p) Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger.

Praia de Marivone 21.1.1990, sobrinho de João José Meurer, (cc) Filomena Gerent.  
T1-29 Alzira Besen, c/3 f., Evaldo Assunção.

T2-30 Saulo Etelvino Besen — Médico — BR, (cc) Laurina Turnes, c/4 f.

T3-31 Anselmo Besen — SAI, (cc) Vera Pitz, c/2 f.

T4-32 Maria Salete Besen, c/3 f., (cc) Moacyr Espindola.

T5-33 Arlita T. Besen, c/3 f., (cc) Vilmar Silva.

T6-37 Arcila Besen (+), (cc) José Paulo dos Santos.

T7-38 Maria Goreti Besen, c/2 f., (cc) Jailton João da Silva -- Recife — PE.

T8-39 Elvira Besen — solteira.

T9-40 Celso Besen, (cc) Vilma Silva.

T10-41 Luís Cesar Besen, c/3 f., (cc) Lenir Silva.

T11-42 Dílmo Besen, (cc) Maria Ana Raymundo.

T12-43 Tânia Maria Besen, (cc) Hans Joaquim Borg.

T13-44 Tarcísio Besen, c/1 f., (cc) Vaneide Schaitz.

B6-61 Pedro Besen, c/7 f., — SAI, (cc) Reinildes Nefel, (f) Guilherme Besen e Catarina Meurer, (n/p) Antonio Cristóvão Besen, (cc) Tomázia Schütz, (b/p) Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.

Com a morte de Cristóvão Besen, sua viúva casa-se pela 2ª. vez, em SPA, conforme consta do Livro nº. 1 (1850-67), pg. 4V — 2º. termo (25-2) em 07.5.1852:

Frederico Uherard (Goedert), filho de Jacob Uherard (Goedert) e Maria Schuatz (Ana Maria Schwarz e Margarida Ximiths (Schmidt), (f) Pedro Ximiths (João Pedro Schmidt) e Madalena Uerman (Maria Madalena Wirschen) de São Pedro de Alcântara. Teve 10 filhos.

F1-5 Pedro Goedert, n. 1854 (Gasparinho — Ilhota), (f) Frederico Goedert, n. 1824 — Alemanha e Margarida Schmidt. N. 1827 — Brohl — Alemanha, (n/p) Jacó Goedert, n. 1778 e Ana Maria Schwarz, n. 1788, (n/m) Pedro Schmidt (João Pedro Schmidt), n. 08.9.1791 — Brohl — Alemanha e Maria Madalena Wirschen, (cc) em 05.6.1909, L3 — f. 17 — N. 34 — Gaspar com Leopoldo Zigaglia, 29 a., 1881, (f) Pedro Zigaglia e Catarina Samoon.

F2-6 Maria Madalena Goedert, n. 22.8.1859, (Helena Goedert) bat 17.9.1854 (67-5) SPA, (f) Frederico Guilherme Goedert, n. 1824 e Margarida Schmidt, n. 1827, (n/p) Jacó Goedert, n. 1778 — Al., (n/m) João Pedro Schmidt, n. 08.9.1791 — Brohl — Al. e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — Al., em 18.6.1873, L2 — F. 142 N. 22 (7V-11) — Gaspar (cc) Nicolau Manes (SPA), (f) Nicolau Manes e Maria Werner.

N1-30 Maria Madalena Manes, n. 15.3.1874, bat. Gaspar LB — 1871/1896 (20-17), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert, n. 22.8.1854, (n/p) Nicolau Manes e Maria Werner, (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

N2-31 José Manes, n. 16.7.1875, bat. Gaspar 26.7.1875, pg. 44-88, (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N3-32 Cecília Manes, n. 23.1.1877, bat. 02.4.1877 (77-37) — Gaspar, (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N4-33 Apolonia Manes, n. 28.1.1879, bat. Gaspar 22.2.1879 (124-32), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N5-34 Leopoldo Manes, n. 17.2.1881, bat. Gaspar 20.3.1881 (177-33), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N6-35 Ana Manes, n. 03.4.1883, bat. Gaspar L II B — f. 31 — N. 64 (19V-15), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N7-36 Catarina Guilhermina Manes, n. 01.6.1885, bat. Gaspar L3 — f. 14 — N. 79 (19V-16), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

N8-37 Margarida Manes, n. 29.1.1888, (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert, bat. Gaspar L 3 — f. 99 — N. 148 (20V-18).

N9-38 Bernardo Manes, n. 09.2.1892, bat. Gaspar L4 — f. 53 — N. 52 (19-13), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert.

(Continua)

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza  
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação.

### CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

### DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves

# HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de  
qualidade. Para todo mundo. Em todos os tempos.